Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 16.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 760 / € 1,50 / Diretor Filipe Alves Diretores Adjuntos Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino

Judiciária investe em sistemas de Inteligência Artificial

EXCLUSIVO Da criação de raiz de sistemas de IA aplicados à investigação criminal, ao desenvolvimento de óculos de realidade aumentada para os operacionais captarem e transmitirem dados em tempo real, a PJ está já munida das mais sofisticadas capacidades digitais do mundo. Desde 2018 foram investidos 50 milhões de euros e há outros 30 milhões em projetos identificados até 2027.

PÁGS. 10-11

Lauren Bacall, Uma atriz para sempre secreta

MEMÓRIA Lauren Bacall nasceu a 16 de setembro de 1924, faz hoje 100 anos. Os filmes que rodou com o marido, Humphrey Bogart, definem-na como um ícone da idade de ouro de Hollywood; de qualquer modo, na sua longa filmografia encontramos muitos exemplos de uma versatilidade que sobreviveu a todas as modas.

PÁGS. 26-27

HERBERT DORFMAN / CORBIS VIA GETTY IMAGE

Risco de incêndios
Governo declara situação de alerta em Portugal Continental até terça

PÁGS. 12 E ÚLTIMA

PAULO JORGE MAGALHÃES

Portugal sobe no *Ranking* de Cibersegurança da ONU e fica ao nível dos Estados Unidos

PÁG. 3

Carlos Moedas escreve no DN sobre as prioridades para Lisboa

PÁG. 9

Ministros
Em equipa debaixo de fogo o primeiro-ministro não quer mexer

PÁGS. 4-5

Eurobarómetro Corrupção
A política e o futebol são os maus da fita

PÁGS. 6-7

Habitação
Rendas altas em Lisboa afetam estudantes brasileiros

PÁGS. 14-15

Donald Trump
FBI investiga possível tentativa de assassinato do candidato republicano às Presidenciais dos EUA

ÚLTIMA

Editorial

Nuno Vinha
Diretor-Adjunto do Diário de Notícias

A gestão da TAP já merece uma outra Comissão de Inquérito?

É melhor que todos nos comecemos a preparar para a próxima Comissão Parlamentar de Inquérito à TAP. Não é um desejo. Muito menos é um pedido, mas parece ser cada vez mais uma evidência. Chegados a setembro de 2024 – já com uma CPI "à tutela política da gestão da TAP" realizada no ano passado – persistem mais dúvidas do que certezas sobre a companhia que os contribuintes regularmente ajudam com os seus impostos.

Para começar, é preciso voltar a abordar o processo de privatização da companhia em 2015, no último fôlego do Governo em gestão de Passos Coelho, sobretudo esclarecer a decisão que permitiu ao investidor David Neeleman adquirir a empresa com dinheiro cedido pela Airbus a troco da compra de aviões e pago posteriormente pela própria TAP. Chama-se a isso comprar "com o pelo do cão". Argumenta David Neeleman que a TAP, nessa altura, nem sequer tinha "pelo" e que foram os fundos Airbus que salvaram a companhia. E se o Governo da altura tivesse dito que não, que não aceitava o negócio, o que teria acontecido?

São esclarecimentos que, seguramente, o atual ministro das Infraestruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz, deseja mais do que ninguém, já que foi ele quem ficou na fotografia da privatização, desenhada por António Pires de Lima, Sérgio Monteiro e Maria Luís Albuquerque.

Do período da TAP renacionalizada (pelo PS em 2016) também sobram perguntas que carecem de mais luz. Para começar, a forma como o Estado pagou 55 milhões de euros adicionais a David Neeleman, um "paraquedas dourado" para o afastar em plena pandemia de 2020.

No caminho para se chegar a este negócio, talvez valha a pena revisitar o papel de Diogo Lacerda Machado (o homem-forte de António Costa) como consultor da administração da TAP em 2015 e 2016, e mais tarde, em 2017, como administrador da empresa. Isto porque foi Lacerda Machado quem liderou pela parte do Estado a negociação com os acionistas privados da TAP, David Neeleman e Humberto Pedrosa, para cederem parte das suas participações no capital da TAP.

E, claro, o elefante na sala. Os 3,2 mil milhões de euros que a TAP recebeu dos contribuintes portugueses, no decorrer de um processo em que a Comissão Europeia forçou o então ministro das Infraestruturas, Pedro Nuno Santos, a aceitar termos duríssimos como contrapartida para a ajuda de Estado. O que resultou desse esforço?

Em fevereiro de 2020, a gigante alemã Lufthansa fez uma oferta por parte do capital da TAP que valorizava a companhia em cerca de 900 milhões. Mas hoje, à conta da imensa injeção de capital de 3,2 mil milhões e do plano de reestruturação, é uma TAP muito diferente que está a ser posta à venda. A companhia está, ou deveria estar bem capitalizada, com a sua dívida controlada e a ser revolvida, com um processo concluído de redução de custos com pessoal e outros; com frota suficiente e nova, com aviões encomendados à Airbus a caminho; e já livre de divisões que lhe lastravam as contas, como a Manutenção & Engenharia Brasil (ex-VEM).

No início deste mês, a imprensa italiana avançou que a Lufthansa pretendia adquirir 19,9% da TAP no âmbito do processo da privatização (e vamos no quarto processo de venda em 20 anos), num negócio avaliado entre 180 e 200 milhões de euros. O que valoriza a TAP entre 900 e 1000 milhões. Praticamente o mesmo que dava no arranque de 2020. Mesmo com todo o dinheiro que os contribuintes lá meteram e que, já sabemos, a TAP não vai devolver. Sim, a TAP já merece uma outra CPI.

OS NÚMEROS DO DIA

80

MILITARES POR DIA CONTRA FOGOS
O Exército Português reforçou o patrulhamento de prevenção a incêndios, tendo colocado diariamente no terreno este número de efetivos em 36 patrulhas.

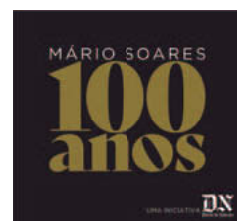
30

PRISIONEIRAS iranianas, na cadeia de Evin, perto de Teerão, a capital do país, iniciaram ontem uma greve de fome, para assinalar os dois anos da morte de Mahsa Amini, (detida por não usar o véu islâmico "corretamente" e morta sob custódia policial), anunciou Narges Mohammadi, detida na unidade.

200

MIL UTENTES
podem vir a beneficiar do programa que permite levantar os seus medicamentos hospitalares nas farmácias, disse ontem a Associação de Distribuidores Farmacêuticos.

28

DE SETEMBRO é a data escolhida pela oposição maioritária da Venezuela, dois meses após as Eleições Presidenciais, para uma "mobilização global" de apoio ao seu candidato, Edmundo González Urrutia, que afirma ter sido o legítimo vencedor, apesar de o Conselho Nacional Eleitoral ter proclamado a vitória de Nicolás Maduro.

16.9.2024

Direção: Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Telles, Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e João Coelho **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves ***E-mail* geral da redação** dnot@dn.pt ***E-mail* geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em *www.dn.pt*. Tiragem média de fevereiro 2024: 6 084 exps.

DN

Portugal no *top* da preparação para resistir a ataques cibernéticos

CIBERSEGURANÇA Relatório de agência das Nações Unidas coloca o país no nível máximo, junto com os melhores do mundo. O documento alerta ainda para os enormes desafios neste setor e deixa pistas para o que devem fazer as nações num mundo em constante evolução.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

Os sistemas portugueses de cibersegurança estão entre os melhores do mundo. O alto nível de preparação do país foi reconhecido no *Índice Global de Cibersegurança* (IGC) de 2024, a que o DN teve ontem acesso. O IGC é publicado pela União Internacional de Telecomunicações (UIT), que está integrada nas Nações Unidas.

Portugal este ano alcançou a classificação mais elevada possível: o "*Tier 1 – Role-modelling*" (Nível 1 – Exemplo a seguir). O país ficou no 4.º lugar do *ranking* mundial, com a mesma pontuação – 99,86 em 100 – de Singapura e EUA, bem melhor do que no último estudo, de 2020, em que surgia em 8.º na Região Europeia, com um *score* de 97,32. Números que são reveladores da eficácia da estratégia coordenada pelo Gabinete Nacional de Segurança/Centro Nacional de Cibersegurança e da sua capacidade para enfrentar os desafios permanentes no panorama digital de segurança, que está em constante evolução.

Apesar de ter alterado ligeiramente os critérios de apresentação do *ranking* – este ano apresenta todos os países em cojunto e por "Níveis" (*Tiers*) – o IGC faz sempre uma avaliação abrangente das medidas de cibersegurança dos vários países do mundo. Avalia o seu desempenho em cinco pilares principais: jurídico, técnico, organizacional, o desenvolvimento de capacidades e a nível de cooperação. A classificação de primeiro nível que Portugal obteve sublinha, assim, a sua abordagem abrangente ao nível da cibersegurança, sublinhando-se a existência de enquadramentos jurídicos sólidos, capacidades técnicas avançadas, organizações bem estruturadas e esforços proativos no desenvolvimento de capacidades e na cooperação internacional.

Para o IGC, o país é, assim, visto como um modelo para outras nações que atualmente se esforçam por melhorar os seus sistemas de cibersegurança. Esta organização destaca ainda a dedicação do país na criação de um ambiente digital seguro e resiliente para os seus cidadãos, empresas e instituições governamentais.

O documento não detalha que iniciativas de cibersegurança Portugal desenvolveu em concreto nos últimos anos, mas a atribuição do estatuto de Nível 1 sugere uma estratégia multifacetada. Este reconhecimento internacional reforça a posição do país como líder no esforço global para construir um ciberespaço mais seguro.

A classificação *Tier1* é atribuída pela IGC este ano a 46 países. Entre eles, muitos Estados-membros da União Europeia. No entanto, é significativo que os nossos parceiros da UE Áustria, Bulgária, Croácia, Republica Checa, Hungria, Irlanda, Letónia, Lituânia, Malta, Polónia, Roménia e Eslováquia surjam com um nível de preparação inferior.

Desafios e caminhos

O *Índice Global de Cibersegurança* de 2024 alerta ainda que, embora a maioria dos países do mundo estejam a fazer progressos na cibersegurança, os seus agentes continuam a enfrentar um cenário complexo e em evolução.

Os especialistas da UIT estabelecem seis pontos que consideram essenciais para que cada nação se prepare para este problema.

Desde logo, o fator humano: este permanece "fundamental para a cibersegurança". O relatório enfatiza o papel crítico das ações individuais e do comportamento digital responsável na cibersegurança, pelo que ações que promovam a literacia digital são essenciais.

O segundo ponto é o fosso persistente entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento em termos de preparação para a cibersegurança. O IGC sublinha a necessidade de uma maior capacitação e cooperação internacional, sem a qual não é possível garantir um ambiente digital seguro para todos. No ciberespaço (quase) não há fronteiras.

A criação de formas objetivas de medir a eficácia é o quarto ponto. Embora muitos países tenham iniciativas de cibersegurança, o documento lembra que sem uma correta avaliação da sua eficácia, estas podem ser inúteis. Não basta criar medidas; estas precisam de ter impacto e enfrentar as ameaças do mundo real de forma eficiente.

Verdadeira concretização de acordos internacionais: embora muitos países assinem acordos de cibersegurança, a passagem do "papel" para ações concretas e a obtenção de resultados tangíveis é muitas vezes um desafio – ou algo que demora demasiado tempo.

A promoção da colaboração entre as agências governamentais, o sector privado e a sociedade civil continua a ser uma área a melhorar, alerta o IGC. Uma coordenação eficaz é crucial para uma estratégia de cibersegurança bem-sucedida.

Por fim, todos os intervenientes precisam de ter sempre em mente que o panorama da cibersegurança está em constante evolução, com novas tecnologias e ameaças a surgirem a um ritmo acelerado. Os agentes desta área têm de saber (e ter condições para) adaptar e atualizar continuamente as suas competências e conhecimentos. Só assim poderão ter possibilidade de se manterem um passo à frente.

À medida que o mundo digital continua a expandir-se e a evoluir, os agentes de cibersegurança desempenharão um papel cada vez mais crítico na salvaguarda do nosso futuro digital. Afinal, e por mais que a tecnologia evolua, sem o elemento humano, não haverá cibersegurança.

ANA PAULA MARTINS, MINISTRA DA SAÚDE

CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

Urgências continuam com prognóstico reservado

É provável que a antiga bastonária dos Farmacêuticos e presidente do Hospital de Santa Maria tivesse noção de que nunca seria a governante mais popular, mas os habituais problemas de quem aceita o Ministério da Saúde superaram as expectativas. Além da demissão do diretor executivo do SNS, Fernando Araújo, substituído pelo militar Gandra d'Almeida, foi responsabilizada pelo "verão caótico" nas Urgências, sobretudo nas especialidades de Pediatria, Ginecologia e Obstetrícia. Continuam a faltar profissionais de saúde, pelo que o outono e inverno serão de previsível descontentamento.

FERNANDO ALEXANDRE, MINISTRO DA EDUCAÇÃO

ADELINO MEIRELES / GLOBAL IMAGENS

Novo ano letivo começa com um velho problema

Com uma pasta destinada a marcar a diferença, o ministro da Educação, Ciência e Inovação negociou a recuperação dos emblemáticos seis anos, seis meses e 23 dias de tempo de serviço congelados nos tempos da *troika* e que se mantiveram como um mantra de docentes e sindicatos durante os Governos de Costa. Muito mais difícil está a ser a resolução da falta de professores, como se viu na semana passada: o ano letivo voltou a arrancar com milhares de alunos sem aulas, por falta de professores nas escolas públicas, o que Fernando Alexandre admitiu ser "uma falha grave".

MARGARIDA BLASCO, MINISTRA DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

PAULO ALEXANDRINO / NI

Entre a "fruta podre" e o Suplemento de Risco

A antiga juíza conselheira do Supremo Tribunal de Justiça tornou-se ministra da Administração Interna com um currículo em que se destacam sete anos como inspetora-geral da Administração Interna. Bastaria para ser mal recebida por alguns tutelados, mesmo antes de dizer, em entrevista ao DN e à TSF que é preciso "retirar a fruta podre do grande cesto que são as forças de segurança". Herdeira do problema do Suplemento de Risco atribuído apenas à PJ, conseguiu acordos com os maiores sindicatos das forças policiais para minorar a diferença de tratamento, mas a contestação persiste.

MARGARIDA BALSEIRO LOPES, MINISTRA DA JUVENTUDE

NUNO BRITES / GLOBAL IMAGENS

Pessoas que menstruam e acusações de *wokismo*

O facto de a ministra da Juventude deter a tutela da Igualdade levou a que se pronunciasse sobre uma campanha da DGS em termos que mereceram críticas do parceiro de coligação CDS, defensor de "fórmulas que não estimulem polémicas desnecessárias", e acusações de *wokismo* mesmo dentro do PSD, do qual é uma das vice-presidentes. Respondendo a uma pergunta do BE, Margarida Balseiro Lopes disse que o Governo está "consciente dos desafios" de conceber políticas para "pessoas que menstruam, onde se incluem as pessoas transgénero e não-binárias".

MINISTROS

Em equipa debaixo de fogo o primeiro-ministro não quer mexer

GOVERNO Ana Paula Martins e Miguel Pinto Luz destacam-se no Governo pela contestação que enfrentam, embora não sejam casos únicos. Mais concentrado na aprovação do Orçamento do Estado para 2025, o primeiro-ministro conta "ter a bordo todos" no final da legislatura que espera cumprir. Ao contrário do que aconteceu com o antecessor.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

Insuspeito de ser marxista, Luís Montenegro quer contrariar uma das máximas do pensador germânico, apropriada ao filósofo Hegel. "A história repete-se sempre, pelo menos duas vezes. A primeira vez como tragédia, a segunda como farsa", escreveu Marx, sobre o golpe de Estado com que Luís Bonaparte, eleito presidente da República Francesa, seguiu o exemplo do tio e se tornou o imperador Napoleão III. Já o primeiro-ministro, que tem a mais curta maioria parlamentar desde a obtida por Cavaco Silva nas Legislativas de 1985, faz tudo para que o seu Executivo não repita as sucessivas remodelações do anterior, com António Costa a perder dois ministros e dez secretários de Estado antes do primeiro aniversário.

Mas nem por isso Hegel e Marx deixam de ter razão. Afinal, os dois ministros do atual Governo que têm enfrentado maior pressão, ainda que não sejam os

MIRANDA SARMENTO, MINISTRO DAS FINANÇAS

PATRICIA DE MELO MOREIRA / AFP

As escaramuças do OE com presumíveis aprovadores

Responsável pelo Orçamento do Estado para 2025, o ministro de Estado e das Finanças, um dos raros casos de continuidade entre as lideranças de Rio e Montenegro, deverá ter de chegar a acordo com os socialistas com quem tem défice de concórdia. Alegando que a situação das contas públicas deixada pelo Governo anterior era diferente da anunciada, foi acusado pela líder parlamentar do PS de "brincar com o prestígio do país". Por seu lado, acusou o maior partido da oposição de ser "populista" por fazer aprovar medidas como o fim das portagens nas ex-Scut.

RITA JÚDICE, MINISTRA DA JUSTIÇA

GERARDO SANTOS

Três dias para reagir à fuga de Vale de Judeus

A advogada independente a quem Luís Montenegro destinou o Ministério da Justiça, depois de a escolher para cabeça de lista da AD pelo Círculo de Coimbra, não hesitou em atacar a ainda procuradora-Geral da República, Lucília Gago, criticando os "anos de descredibilização do Ministério Público". Também por isso foram notados os três dias que demorou a reagir à fuga de cinco reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus. Quando se pronunciou, confirmando a demissão do diretor-geral, disse que não quis contribuir para o "ruído de fundo" antes de ter dados concretos.

MIGUEL PINTO LUZ, MINISTRO DAS INFRAESTRUTURAS

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

TAP causa turbulência ao ministro do aeroporto

Escolhido para a pasta que engloba o *dossier* do novo aeroporto de Lisboa e os não menos importantes problemas de habitação, assumiu o Ministério das Infraestruturas quase em simultâneo com o ónus político das buscas da PJ à Câmara de Cascais, de onde acabara de sair. Mais recentemente, viu-se visado num relatório da Inspeção-Geral das Finanças ao processo de privatização da TAP, no qual interveio em 2015, enquanto secretário de Estado, ficando de tal forma na mira da oposição que Luís Montenegro sentiu necessidade de reafirmar a confiança no seu ministro.

únicos debaixo de fogo, são os titulares das pastas da Saúde e das Infraestruturas, Ana Paula Martins e Miguel Pinto Luz. E os dois ministros que duraram menos de um ano no anterior Executivo foram justamente os responsáveis pela Saúde e pelas Infraestruturas, Marta Temido e Pedro Nuno Santos, com a diferença de que ambos já tinham extenso currículo noutros dois Governos de António Costa, com a primeira a liderar a resposta à pandemia de covid-19 e o segundo a delinear o apoio estatal de 3,2 mil milhões de euros à TAP, após ter sido o articulador da *geringonça* que permitiu ao PS governar com apoio da esquerda entre 2015 e 2019.

Olhando para a governante que mais tem carecido de apoio de Luís Montenegro – daquele respaldo de que António Costa tanto falava – nestes cinco meses de governação, Ana Paula Martins tem sido o rosto de uma realidade sentida por muitos milhares de portugueses, com o encerramento de Urgências a demonstrar que o SNS mantém fragilidades que não se resolvem com o programa de emergência brandido pela AD na campanha eleitoral. Mas o desgaste da ministra junto de utentes e profissionais não se compara ao que levou à saída de Marta Temido, subitamente no verão de 2022, pela ausência de uma tragédia comparável à da morte de uma grávida que estava a ser transportada entre dois hospitais lisboetas.

E também Miguel Pinto Luz, cujo peso político no PSD é inegável, embora distante de equivaler ao que Pedro Nuno Santos tinha no PS antes de ser secretário-geral, tem enfrentado turbulência quase desde que entrou no Ministério das Infraestruturas, estando há pouco mais de uma semana no cargo quando se declarou "completamente tranquilo" face às buscas da PJ na Câmara de Cascais, da qual o social-democrata foi vice-presidente, devido a suspeitas relacionadas com uma fábrica de máscaras cirúrgicas durante a pandemia.

O episódio mais recente, que forçou o primeiro-ministro a dizer que vê Pinto Luz "fortalecido pelo excelente trabalho que tem feito", foi o relatório da Inspeção-Geral das Finanças sobre a privatização da TAP. Uma operação que essa entidade entende dever ser investigada pelo Ministério Público, pelo alegado aproveitamento pelos compradores de um acordo com a Airbus, quando o agora ministro era secretário de Estado das Infraestruturas no efémero segundo Governo de Passos Coelho, o que levou os partidos da oposição a defenderem a sua demissão ou, pelo menos, o seu afastamento do processo de reprivatização da transportadora aérea.

Estando a TAP equiparada aos problemas nas Urgências hospitalares de Obstetrícia entre os maiores obstáculos à permanência de ministros, como se viu quando Pedro Nuno Santos se demitiu, nos últimos dias de 2022, por ter aprovado a indemnização de 500 mil euros paga à ex-administradora Alexandra Reis, que dias antes deixara de ser secretária de Estado do Tesouro, Luís Montenegro fez declarações que, mais do que defenderem Pinto Luz, sublinharam a necessidade de não mexer numa equipa que tem pela frente circunstâncias que, em linguagem politicamente eufemística, se podem chamar desafiantes. "Estamos a governar o país com o intuito de concluir a legislatura, levando este Governo até setembro ou outubro de 2028, com a expectativa de ter a bordo todos os membros deste Governo", sustentou o primeiro-ministro, que também viu a sua escolha para a Comissão Europeia, a ex-ministra das Finanças Maria Luís Albuquerque, visada no relatório da Inspeção-Geral das Finanças.

Com a aprovação do OE2025 como a verdadeira espada de Damocles do Governo, as dificuldades específicas dos seus integrantes perdem importância, mesmo que a médio prazo alguns ministros mais desgastados acabem substituídos por figuras com perfil apropriado – no caso de Ana Paula Martins, o ex-bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães, integra o grupo parlamentar do PSD – ou que a ambição, constante da moção com que Montenegro foi reeleito presidente do partido, de recuperar a presidência da Associação Nacional de Municípios Portugueses leve a que algum peso-pesado protagonize candidaturas autárquicas em 2025. Ainda que esse cenário tenha sido afastado pelo ministro dos Assuntos Parlamentares, Pedro Duarte, novo líder da distrital social-democrata do Porto, face à oportunidade de reconquista da segunda maior cidade portuguesa aberta pela limitação de mandatos do independente Rui Moreira.

Apesar dos problemas que vão sucedendo com vários membros do Conselho de Ministros, desde as críticas da oposição ao ministro de Estado e das Finanças, Miranda Sarmento, até à desconfiança com que a ministra da Administração Interna, Margarida Blasco, é encarada por muitos tutelados, passando pelos reparos à titular da Justiça, Rita Alarcão Júdice, pela demora na reação à fuga na prisão de Vale de Judeus, e à falta de professores aquando da abertura do ano letivo com que se deparou o ministro da Educação, Fernando Alexandre, o Governo procura cerrar fileiras. Algo que sucede mesmo em momentos de tensão com o CDS, como quando a ministra da Juventude, Margarida Balseiro Lopes, deu aval à linguagem neutra numa campanha sobre menstruação, com os centristas a censurarem a referência a "pessoas que menstruam". Ou quando o Ministério da Saúde deu sinais de avançar na regulamentação da eutanásia, contra a mesma linha oficial de aguardar pela pronúncia do Tribunal Constitucional que na semana passada foi contestada por um manifesto subscrito por, entre 250 personalidades, os antigos líderes do PSD Pinto Balsemão e Rui Rio.

Corrupção
A política e futebol são os maus da fita

ANÁLISE Partidos, autarquias e Governo são consideradas as entidades mais expostas à corrupção, só ultrapassadas pelos clubes de futebol. O combate ao problema é considerado ineficaz, mas a justiça é poupada. Os principais responsáveis pelo insucesso são os políticos e a sociedade, em geral. Dados do Eurobarómetro Especial sobre Corrupção.

TEXTO **ALEXANDRA TAVARES-TELES**

"A corrupção é um dos problemas mais graves do país e impacta diariamente na vida dos cidadãos" – este é o retrato global que nos é dado pelo *Eurobarómetro Especial sobre Corrupção* (SEB 534, 2023), baseado num estudo executado pela DOMP, S.A. para a Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), que hoje vai ser apresentado na íntegra ao público. Os valores ultrapassam a média europeia: nove em cada dez inquiridos consideram que a corrupção é um problema grave no país (2023 = PT 93%, média UE 70%); um em cada dois inquiridos sente que a corrupção afeta diariamente a sua vida (2023 = PT 54%, média UE 24%).

A política tem um problema reputacional – parte substancial da opinião pública considera que atrai pessoas que procuram apenas obter benefícios particulares à custa do bem comum, corrompendo até as pessoas honestas. De acordo com os inquiridos, "todas as esferas da vida social são medianamente corruptas", sendo as áreas ligadas ao futebol e à política as mais expostas à corrupção, cujo combate é avaliado como sendo "ineficaz", com as responsabilidades repartidas, por ordem decrescente, pelo poder político, sociedade civil e poder judicial. De acordo com o relatório, "o fraco desempenho da Justiça no combate à corrupção não resulta da falta de meios, dificuldade de prova ou acusação tendenciosa, mas, sim, de razões de natureza procedimental: megaprocessos e demasiadas possibilidades de recursos".

A maioria dos participantes tem uma definição legalista da corrupção, o que poderá levar a excluir o rótulo de um conjunto de comportamentos e práticas legais, mas eticamente censuráveis. Há alguma tolerância a determinados tipos de corrupção política (portas giratórias) e paroquial (cunha) e a outros tipos de comportamentos fraudulentos que não impliquem uma violação da lei, porém a maioria não concorda que, se o resultado de uma ação for benéfico para a população em geral, não se trata de corrupção. Exemplo: contornar regras e procedimentos de contratação pública para adquirir equipamentos médicos ou medicamentos num contexto pandémico; favorecer uma empresa na aprovação de um loteamento que se compromete a oferecer equipamento para um infantário num bairro social.

> *"Para os inquiridos, a política só atrai pessoas que procuram obter benefícios particulares às custas do bem comum, e até as pessoas honestas, quando em cargos de poder, cedem à corrupção."*

Futebol e os partidos são os mais expostos

Os autores mediram também a perceção que as pessoas têm sobre a extensão da corrupção em determinados grupos sociais, que é, em parte, "moldada pelos casos que vêm a público, pela forma como são noticiados e pelas narrativas coletivas". Em média, os participantes acreditam que todas as esferas da vida social avaliadas são "medianamente corruptas", mas que algumas atividades apresentam mais vulnerabilidades e riscos institucionais.

Neste contexto, em média, a corrupção é tida como mais prevalecente entre o grupo dos políticos, seguido dos empresários, e como mais baixa no grupo dos profissionais e trabalhadores do setor privado. Os clubes de futebol são as entidades consideradas mais expostas à corrupção, seguidos das várias instituições políticas: partidos políticos, autarquias, Governo e Administração Pública, respetivamente. Por outro lado, a segurança e defesa, e o setor social, são as áreas que os participantes consideraram menos expostas. Com algumas *nuances*: os indivíduos que se posicionam mais à esquerda do espetro político tendem a expressar uma menor perceção da corrupção, em comparação com os que se posicionam à direita ou ao centro.

O poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente?

Avaliando os tipos de regime político – democracia, tecnocracia e autocracia – em média, os participantes consideram que estão, de forma semelhante e medianamente, vulneráveis à corrupção, nivelamento que contrasta com a evidência empírica sobre a relação entre democracia e níveis percecionados de corrupção entre países: "O que a literatura nos diz é que as democracias bem-sucedidas apresentam níveis mais baixos de corrupção do que os regimes híbridos e em transição", diz o relatório. Porém, de acordo com o mesmo, os inquiridos consideram que "um país que tenha um líder forte, que não tenha de se preocupar com o Parlamento nem com eleições, é mais vulnerável à corrupção do que um país democrático ou tecnocrata".

Quão importante é a integridade na avaliação que os eleitores fazem da competência dos políticos? "Chegou-se à conclusão de que o fator que mais influencia a probabilidade de voto é a orientação ideológica do(a) candidato(a), aparecendo a integridade em segundo lugar (isto é, a capacidade de pautar a sua conduta pela legalidade e honestidade) e, finalmente, a capacidade de compromisso".

Por último, os investigadores mediram as perceções sobre a chamada a corrupção paroquial, vulgo "cunha" ou "puxar de cordelinhos", prática considerada resiliente, transversal e menos censurável. "Um tipo de corrupção que não recorre a uma troca ilícita, mas procura o favorecimento através de relações de proximidade, mobilizando recursos simbólicos como a amizade e outros laços primários (familiares, étnicos ou partidários), ainda que os favorecimentos que advêm dessa in-

"Um país com um líder forte que não tenha de se preocupar nem com o Parlamento, nem com eleições é mais vulnerável à corrupção", diz o relatório.

GUSTAVO BOM / GLOBAL IMAGENS

tervenção possam estar para lá do que é legalmente permitido": em média, os inquiridos concordam que, em Portugal, se quisermos subir na vida, é importante conhecer as pessoas certas e, em menor medida, que "só se fazem bons negócios se tivermos ligações políticas".

Como avaliamos o combate à corrupção?

"Ineficaz." Mais de metade dos inquiridos (51,6%) consideram o combate à corrupção nada eficaz" e apenas 13% acreditam que é totalmente eficaz, sendo que, em média, os indivíduos com níveis mais altos de instrução, os que revelam uma situação financeira menos estável, ou seja, os que têm utilizado as poupanças para fazer face às despesas ou que têm acumulado dívidas e, ainda, os que se auto posicionam à direita do espetro político são também os que mais consideram que o combate à corrupção em Portugal é ineficaz.

"Os clubes de futebol são as entidades mais expostas à corrupção, seguidos das instituições políticas: partidos, autarquias e Governo. Já a segurança e defesa, e o setor social são as esferas de atividade onde os entrevistados consideram existir menos corrupção."

As responsabilidades pela ineficácia do combate à corrupção são repartidas, por ordem decrescente, pelo poder político, sociedade civil e poder judicial. De acordo com o estudo, o fraco desempenho da Justiça, na opinião dos inquiridos, não se deve à falta de meios, não deriva necessariamente de problemas sistémicos, (24,5%), ou da falta de rigor do Ministério Público na fase de acusação (18,7%), mas sim à existência de megaprocessos demasiado complexos e intermináveis (71,9%) e, em segundo lugar, à existência de demasiadas possibilidades de recurso (43,4%).

Os cidadãos são os primeiros a corresponsabilizar-se pela ineficácia do combate à corrupção, acusando, logo depois, o Governo. À pergunta "quem é o principal responsável pela ineficácia do combate à corrupção?", mais de um quarto dos entrevistados afirma ser a sociedade como um todo (26,0%) e o Governo (25,5%).

Porém, agregando as respostas em três grandes grupos de atores, a repartição de responsabilidades é mais equilibrada, ainda que tendencialmente negativa para o primeiro grupo: poder político (40%), sociedade (31%) e poder judicial (25%).

Como vemos o tratamento mediático da corrupção?

Diz o relatório que a televisão e a imprensa escrita e *online* continuam a ser as fontes de informação mais importantes para a formulação de opiniões sobre a corrupção, mesmo no caso dos mais jovens.

Os resultados revelam também que, em média, os inquiridos que recorrem a fontes de informação informais (família, amigos, conhecidos, colegas) são os que têm uma visão menos negativa sobre o fenómeno da corrupção, seguidos dos que recorrem a fontes tradicionais (comunicação social). "Os meios de comunicação tradicionais – a televisão (63,7%) e a imprensa escrita e online (55,2%) – continuam a ser, de longe, as fontes de informação mais importantes para a formulação de opiniões sobre a corrupção em Portugal, mesmo para as faixas etárias mais jovens". Os que têm uma opinião mais negativa são os que recorrem a novas fontes de informação (redes sociais, *podcasts* e *videocasts*).

Questionados sobre o nível de satisfação em relação à forma como a comunicação social trata o tema da corrupção, 41,9% diz-se satisfeito (muito satisfeito ou parcialmente satisfeito) e 35,9% insatisfeito (muito insatisfeito ou parcialmente insatisfeito), "apresentando preocupações com os efeitos perversos da luta pelas audiências e pela obtenção de lucro e do sensacionalismo na qualidade do tratamento mediático do tema.

"Sendo certo que a grande maioria dos entrevistados considera a corrupção um problema grave do país, este estudo demonstra que as pessoas não são todas iguais , recorrem ao espírito crítico e olham para a corrupção de maneira diferente", diz ao DN Susana Coroado, uma das investigadoras responsáveis pelo estudo, para quem, de facto, esta é uma das conclusões principais: "A política tem um problema reputacional para resolver."

FICHA

Este relatório baseia-se num estudo executado pela DOMP, S.A. para a Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), com base num inquérito apresentado a uma amostra representativa da população portuguesa, por quotas cruzadas de sexo, faixa etária e região de Portugal continental. O questionário foi desenhado e desenvolvido sob a coordenação de Luís de Sousa e Susana Coroado. O universo do estudo é composto pelos residentes em Portugal continental, com 18 ou mais anos, falantes de língua portuguesa, com telefone da rede fixa ou acesso à internet. O trabalho de campo decorreu apenas em Portugal continental, entre os dias 25 de março e 22 de abril de 2024, tendo sido recolhidas 1101 entrevistas completas e validadas, das quais 626 através de inquérito *online* chamada telefónica (CATI; 43% da amostra), correspondendo a um erro máximo amostral de 3% (para um nível de confiança de 95%). Das 1101 pessoas que responderam ao *Barómetro da Corrupção*, 52% são do sexo feminino e 48% do sexo masculino, com a seguinte distribuição por grupos etários: 18-34 anos (21,1%), 35-54 anos (33,4%), 55 e mais anos (45,5%).

"Em média, os inquiridos concordam que, em Portugal, se quisermos subir na vida é importante conhecer as pessoas certas. Em menor medida, que só se fazem bons negócios se tivermos ligações políticas."

Marcelo avisa Governo que "ninguém" pode "substituir" o "papel único" do SNS

SAÚDE Montenegro defende "colaboração de todos os sistemas" sem "preconceitos ideológicos". Pedro Nuno promete "luta". BE acusa PSD de usar "instrumentos" que PS criou para "destruir" o SNS. "É crucial" a "sustentabilidade", alerta Belém.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

O aviso está dado. "É bom que se tenha memória [do que era o país sem SNS] e que se seja justo e lúcido no presente." E sendo um "pilar fundamental" de importância "inestimável", alerta o Presidente da República, é "crucial olhar para o futuro, reconhecer os desafios que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) enfrenta e procurar soluções inovadoras para garantir a sustentabilidade e a eficácia do SNS a longo prazo".

Marcelo Rebelo de Sousa sublinha o "papel único" que o SNS "teve durante a pandemia" alertando em "como é essencial num país com dois milhões em situação de pobreza e mais portugueses em risco de nela caírem".

"E sendo", avisa "que uma parte considerável dessa pobreza coincide com o envelhecimento da população".

Para o Presidente da República, "neste quadro, todas as soluções na Saúde supõem, sempre, um SNS muito forte". E a explicação é simples: "Porque se o não for ninguém [referência aos privados] o poderá cabalmente substituir."

As palavras de Marcelo Rebelo de Sousa são posteriores à mensagem-vídeo de Luís Montenegro que fixa uma ideia principal: "Para nós, a Saúde não se gere com preconceitos ideológicos."

O primeiro-ministro defende, para além desta recusa ideológica, que só é possível um SNS "abrangente e de portas abertas a todos" com "investimentos concretos em meios e equipamentos e com a colaboração de todos os sistemas [privados e sociais]" e também "só com profissionais respeitados e carreiras atrativas".

Pedro Nuno Santos, que discorda de forma "profunda" com a política do Governo para a Saúde, garante a "luta do PS pela preservação" de um SNS que responda "às necessidades de toda a população, sem discriminar ninguém, seja pela sua condição financeira ou social".

Marcelo lembra que SNS "é essencial num país com dois milhões em situação de pobreza e mais portugueses em risco de nela caírem".

MANUEL DE ALMEIDA / LUSA

O que pretende? Investimento no SNS para que "continue a oferecer cuidados de saúde universais, com qualidade e gratuitos para toda a população". E investir passa nomeadamente, pelo "Estado" ter de "pagar para que os médicos tenham interesse em trabalhar no SNS".

Distante das leituras políticas de PSD e PS, o BE – antigo parceiro da *geringonça* – resume a situação do SNS a uma ideia. O Governo quer "destruir" o SNS porque está do lado dos "interesses privados" e o PS facilitou este "desmantelar" por ter criado, desenvolvido e mantido "os instrumentos" que permitem a "entrega de valências a entidades de gestão privada".

Quem está no SNS

Em junho deste ano, o SNS tinha um total de 150 333 trabalhadores. Em junho de 2019, ainda antes do covid-19, eram 130 752 – em cinco anos tem quase mais 20 mil trabalhadores. Em junho de 2024, trabalhavam nos hospitais e centros de saúde 21 395 médicos especialistas. Os enfermeiros – o maior grupo profissional do SNS –, passaram de 43 312 em 2019 para quase 51 mil em junho deste ano. Os técnicos superiores de diagnóstico e terapêutica eram 8204 em junho de 2019 e são agora 9858.

Segundo os dados do Portal da Transparência do SNS em agosto de 2019, 644 077 pessoas não tinham médico de família, número que aumentou para 1 675 663 no último mês, uma diferença de mais 1 031 586 utentes.

Depois de uma redução entre dezembro 2023 e fevereiro deste ano, o número de utentes sem um especialista de medicina geral e familiar voltou a subir nos meses seguintes, um aumento de cerca de 146 mil pessoas até agosto.

O total de utentes com médico de família atribuído era, no final do último mês, o mais baixo desde 2016 – pouco mais de 8,7 milhões –, quando em agosto de 2019 rondava os 9,6 milhões.

Dados da Ordem dos Médicos indicam que, em maio de 2024, estavam inscritos 9 003 clínicos com a especialidade de medicina geral e familiar, mas 45% (4115) já tinha mais de 65 anos e 18% mais de 70 anos.

Quanto custa

As unidades do SNS gastaram quase 475 milhões de euros com o pagamento de 18,2 milhões de horas extraordinárias em 2023, um valor que aumentou 12,7% em relação a 2022, indicou o Conselho das Finanças Públicas.

Do volume global de horas de trabalho suplementar no último ano, 39% foi prestado por médicos, incluindo internos, totalizando 7,1 milhões de horas, enquanto os enfermeiros foram responsáveis por assegurar 5,3 milhões de horas extraordinárias. Por esse trabalho extra, os médicos receberam 323 milhões de euros, enquanto os enfermeiros auferiram quase 90 milhões de euros. Além disso, foram ainda contratadas 6,1 milhões de horas a prestadores de serviços médicos, a solução a que os hospitais recorrem para colmatar a falta de especialistas, que tem sido responsável pelos constrangimentos de funcionamento e pelo encerramento temporário de algumas Urgências de Obstetrícia e Pediatria.

O SNS custou no ano passado cerca de 14 mil milhões de euros, mais 6,8% do que no ano anterior (+ 892,3 milhões de euros).

Em 2023, O SNS registou um défice de 435 milhões de euros, mas esse valor representou uma melhoria de cerca de 631 milhões de euros face a 2022, devido a um aumento da receita superior ao crescimento da despesa.

Em relação ao investimento, o Conselho das Finanças Públicas alertou que continua a representar uma percentagem diminuta da despesa total em 2023 (2,6%), refletindo a "baixa prioridade dada" a essa área no SNS os últimos anos. No período de 2014 a 2023, o investimento representou, em média, 1,7% da despesa total do SNS.

Com LUSA

Opinião
Carlos Moedas

Fazer Lisboa com e para os lisboetas

Há apenas 3 anos, e depois de 14 anos de governação do Partido Socialista, os lisboetas confiaram-nos a liderança da cidade de Lisboa. Foi uma vitória difícil, surpreendente para muitos e pouco aceitável até aos dias de hoje para outros tantos, mas revelou que os lisboetas queriam mais e melhor para Lisboa do que tinha sido feito nos últimos 14 anos socialistas. Aquela longa noite de 26 de setembro de 2021 revelou bem a audácia dos lisboetas e demonstrou como uma certa elite partidária considera estar acima de tudo e de todos.

E aqui estou, passados apenas 3 anos, a corresponder diariamente às expectativas que foram criadas sobre a equipa que tenho o orgulho de liderar. Uma expectativa gerada pela estagnação em que encontrei a cidade de Lisboa, consequência de 14 anos de governação socialista. Exemplo cabal dessa estagnação foi o total falhanço da política de habitação municipal do PS. Entre 2010 e 2020 foram construídas ou reabilitadas em média 17 casas por ano. Nós em apenas 3 anos já conseguimos entregar mais de 2000 casas aos lisboetas que mais precisam (mais de 1000 correspondem a decisões tomadas neste Executivo e as restantes não tinham avançado), licenciámos 8013 casas, assinámos contratos para investir em habitação municipal no valor de 560 milhões de euros e lançámos o programa *Morar Melhor* nos bairros municipais, dando mais dignidade às pessoas que ali vivem. Isto é fazer Lisboa.

Estes 3 anos têm uma característica muito especial e que em muito condicionam os resultados que já poderíamos ter alcançado: Lisboa tem uma oposição partidária de bloqueio à qualidade de vida dos lisboetas. Isso foi visível desde o primeiro dia da minha governação: primeiro, a organização de uma manifestação partidária "anti-Moedas" ainda eu não tinha "aquecido" a cadeira; depois a ameaça de chumbo que o PS apresentou na votação do primeiro orçamento do mandato; ou ainda as 3 vezes que levei a reunião de câmara a proposta para que os jovens não pagassem IMT na sua primeira casa e que, por razões que ainda hoje não consigo explicar, o PS chumbou 3 vezes. Em todas as situações de bloqueio, em todos os obstáculos criados pela oposição – o PS em especial, que parece ainda não ter aceitado que os lisboetas nos deram a vitória em 2021 – respondi colocando o foco nas pessoas. É assim que tenho lidado com esta oposição de bloqueio: lidero a cidade com as pessoas. E são as pessoas que me permitem hoje poder fazer um balanço positivo destes 3 anos, quando comparados com 14 anos de socialismo em Lisboa.

Foram 3 anos a fazer e a concretizar, a desatar nós e a entregar mais e melhor cidade. Mesmo perante todos os condicionamentos e contra muitos interesses da pequena política partidária.

Reafirmamos diariamente a identidade, a alma e a essência únicas de Lisboa. O meu compromisso foi e é valorizar Lisboa e os lisboetas, conjugando as nossas tradições com a modernidade que cria valor à nossa cidade. Esta conjugação é visível quando investimos mais que qualquer outro Executivo na preservação das nossas zonas históricas, é visível na preservação da nossa economia local quando valorizamos e atribuímos cada vez mais certificados às nossas lojas com história e é visível na valorização que damos às festas da cidade, em especial às associações que levam bem alto a identidade de Lisboa nas marchas populares. Ao mesmo tempo que conseguimos fazer de Lisboa a Capital Europeia da Inovação depois do sucesso da Fábrica de Unicórnios, que em menos de 3 anos atraiu 12 unicórnios e mais de 60 empresas tecnológicas para Lisboa, potenciando 14 mil novos postos de trabalho na nossa cidade

Fazer e melhorar Lisboa para quem cá vive tem sido o nosso foco. Desde logo visível quando aumentámos a taxa turística de 2 para 4 euros ou quando pela primeira vez cobrámos uma taxa aos cruzeiros que nos visitam. Porque quem nos visita deve contribuir para que Lisboa mantenha a sua alma, deve contribuir para a limpeza da cidade, deve contribuir para a manutenção das nossas zonas verdes, deve contribuir para que Lisboa possa continuar a ser um polo de criação de emprego e de riqueza para a nossa economia local. Estamos a canalizar a afluência e o interesse que Lisboa gera para fazer uma cidade melhor para quem cá vive.

São 3 anos a cumprir o que prometemos. Prometemos baixar impostos aos lisboetas e cumprimos: devolvemos o IRS aos lisboetas até aos 4,5%, e queremos terminar o mandato a chegar aos 5%. Prometemos construir um Estado Social Local e estamos a cumprir: concretizámos o *Plano de Saúde 65+*, que assegura uma consulta médica a mais de 14 mil idosos lisboetas; aprovámos o Plano Municipal para a Pessoa em Situação de Sem Abrigo, que prevê um investimento de 70 milhões de euros até 2030, investimento esse que já está concretizado em espaços de prevenção e apoio à integração laboral que ajudam diretamente cerca de 40 pessoas em situação de sem abrigo; reforçámos o Fundo de Emergência Social para não deixar para trás as nossas famílias mais vulneráveis.

Prometemos lançar um teatro em cada bairro – e até hoje já construímos 6 teatros, criámos o *Passe Cultura*, através do qual 22 mil lisboetas têm acesso gratuito aos nossos equipamentos culturais. Isto é fazer uma Lisboa de cultura.

Prometemos fazer de Lisboa uma cidade pioneira no combate à corrupção, e hoje somos um exemplo com o primeiro departamento de transparência e combate à corrupção no país, com o lançamento do Canal de Denúncias e o Portal da Transparência da CML.

Prometemos transportes públicos gratuitos para os mais velhos e os mais novos. Hoje são mais de 105 mil lisboetas que usam gratuitamente o metro, o autocarro ou até as nossas bicicletas GIRA. E envolvemos as pessoas na tomada de decisão da vida da cidade com o Conselho de Cidadãos, que vai a caminho da sua quarta edição.

Na área da Saúde, hoje as mulheres lisboetas com menos de 50 anos têm acesso a mamografias gratuitas nos Serviços Sociais da CML, graças ao protocolo que firmámos com a Fundação Champalimaud. E abrimos recentemente duas clínicas de proximidade, *Lisboa + Saúde*, em bairros municipais para quem não tem acesso imediato a serviços de saúde.

Na mobilidade conseguimos um acordo inédito com as operadoras de trotinetas para pôr fim ao caos que se sentia nas ruas de Lisboa: reduzindo o número de trotinetas, estabelecendo limites de velocidade e criando espaços de estacionamento. E estamos já a atuar em relação aos *tuk-tuks* impedindo estes meios de transporte turísticos de continuarem a criar o caos em especial nas nossas zonas históricas.

Na limpeza da cidade investimos como nenhum outro Executivo investiu, tanto a nível financeiro como a nível de recursos humanos: mais de 200 novos colaboradores, mais 25 motoristas, mais 79 viaturas, reforço em 25 milhões de euros transferidos para as juntas de freguesia limparem as zonas que lhes compete, ou o reforço dos serviços e da frota de higiene urbana, a par da criação de novos circuitos de recolha. Isto é fazer uma Lisboa melhor para quem cá vive.

Durante estes três anos governámos Lisboa também a pensar nas futuras gerações. O Plano Geral de Drenagem de Lisboa, que esteve quase duas décadas na gaveta, a construção do túnel que liga Monsanto a Santa Apolónia ou a reabilitação urbana da Quinta do Ferro são disso bons exemplos. A isto acresce o impressionante impacto que a JMJ teve na cidade. Para além de ter sido o maior evento de sempre em Lisboa e de o termos herdado quando o dossiê estava praticamente votado ao abandono com tudo por fazer – o que só por si já é dizer bastante – a JMJ foi um sucesso inegável tanto ao nível do que aqui vivemos com o Papa Francisco, como ao nível daquilo que deixou à cidade. Fizemos Lisboa como já não acontecia desde a *Expo'98*. A cidade cresceu para uma zona que estava abandona. A isto soma-se um impacto económico de cerca de 300 milhões de euros na região de Lisboa. Este sucesso deveu-se tão e só ao sacrifício da nossa equipa, dos trabalhadores da CML, dos nossos bombeiros, polícias municipais, proteção civil e voluntários, porque tanto o Governo à data como o anterior Executivo camarário desertaram à primeira adversidade.

Estes últimos 3 anos foram anos em que cumprimos o que prometemos aos lisboetas. Em que entregámos mais e melhor cidade. Em que resolvemos muito daquilo que não se conseguiu resolver em 14 anos. E fizemo-lo nas condições mais difíceis, sem uma maioria no Executivo Municipal. Vimos propostas fundamentais serem obstruídas por mero capricho ideológico.

Não fossem os constantes bloqueios e a pequenez da política partidária de uma certa oposição e imaginem o que poderíamos ter feito. Por mais distrações, por mais discussões partidárias que a oposição queira introduzir no último ano deste primeiro mandato, não perdemos o foco e continuaremos na rua a dar resposta aos verdadeiros problemas das pessoas. Continuaremos a fazer a Lisboa.

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

DN

A PJ já combate o crime com as armas do futuro

INVESTIMENTO Da criação de raiz de sistemas de Inteligência Artificial aplicados à investigação criminal, ao desenvolvimento de óculos de realidade aumentada para que os operacionais em campo possam captar e transmitir dados em tempo real para avançados centros de controlo, a Polícia Judiciária está hoje já munida das mais sofisticadas capacidades digitais do mundo. E isto é ainda só o início.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA** E **VALENTINA MARCELINO**

Tal como se vê nos filmes, é possível identificar se uma bala foi disparada de determinada arma comparando as marcas deixadas no projétil (ou no cartucho) entre as provas recuperadas no local do crime e as amostras obtidas em laboratório. No entanto, e ao contrário do que nos mostram na ficção, esta perícia não é algo que se faça rapidamente. "Podia demorar alguns meses", admite ao DN Luísa Proença, diretora Nacional-Adjunta da Polícia Judiciária (PJ). Mas este tempo está prestes a ser reduzido "a minutos", através da ajuda da Inteligência Artificial (IA).

A PJ desenvolveu uma ferramenta de IA capaz de analisar as imagens de balística e assim ajudar os peritos a identificar mais rapidamente as armas utilizadas. O inovador sistema "vai ser utilizado no nosso Laboratório de Polícia Científica, em primeiro lugar", mas não se ficará por cá: segue para Espanha. "A Polícia Nacional de Espanha fez parte da última parte do projeto, foram coparceiros, digamos." E vai do país vizinho para outros Estados-membros, através da Europol, uma vez que a tecnologia ficará disponível para todos.

Este é um dos exemplos mais evidentes de como a Judiciária não apenas se está a inovar como a ajudar os seus parceiros europeus a combater o crime no século XXI. Este caminho para uma PJ tecnologicamente avançada e energeticamente sustentável, uma espécie de "PJ Verde" (*ver texto ao lado*), começou em meados de 2018, "quando esta Direção Nacional tomou posse", lembra Luísa Proença.

"Faltava-nos tudo, na altura. E, portanto, investiu-se em muita tecnologia, não só no *hardware*, mas sobretudo *software*. Havia motivação e *know-how*, mas não havia *hardware*, nem esta camada de sistemas de informação", recorda.

Foi, naturalmente, necessário encontrar financiamento. O facto de esta diretora Nacional-Adjunta ter os pelouros Tecnológico e Financeiro Nacional foi uma feliz coincidência. Entraram em cena os fundos europeus: Portugal2020, Portugal2030 e, agora, o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

Seis anos volvidos "estamos com investimento na ordem dos 50 milhões de euros" em inovação. Desses, "38 ou 39 milhões são o valor do financiamento comunitário", afirma Luísa Proença. "O que significa que a PJ, com 12 ou 13 milhões, ou seja, uma parcela muito pequena, consegue maximizar o impacto, entrar nas áreas que são absolutamente fundamentais para o seu desempenho na área da prevenção e da investigação criminal."

Digitalização visível e invisível

Uma visita à nova sede da Judiciária permite perceber, em parte, para onde foi este dinheiro. Há "*drones* de várias dimensões e com diversas utilidades, desenvolvidos na PJ", refere a dirigente, que admite também haver "projetos de robótica" em curso, não querendo, porém, revelar, que tipo de utilização têm.

Leva-nos à Sala de Situação e Operações: com uma enorme TV LCD, ladeada pelas telas de dois vídeoprojetores e duas filas de computadores em anfiteatro faz-nos lembrar um centro de controlo da NASA em ponto pequeno. Daqui é possível monitorizar qualquer situação de emergência em tempo real, quando se justificar. Existem mesmo gabinetes isolados, equipados com computadores, para as várias equipas internas e externas, incluindo magistrados, caso seja necessário emitir mandados rapidamente.

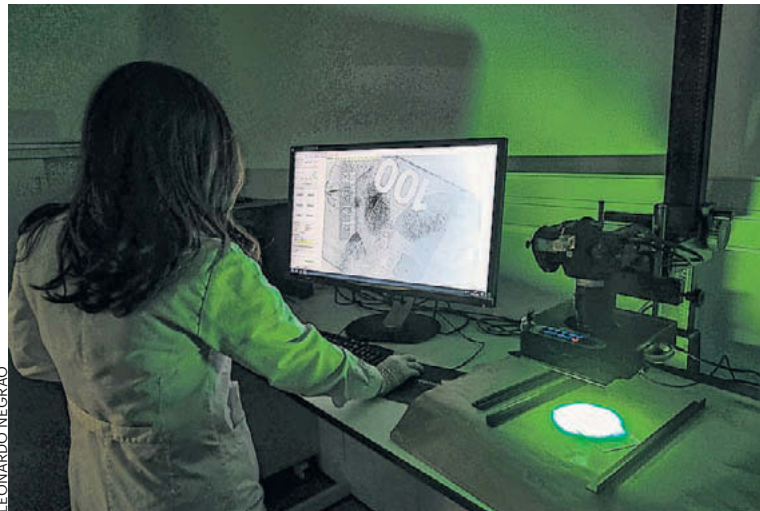
Para aqui poderão ser transmitidas, por exemplo, as imagens obtidas pelo uso do sistema DARLENE (*Deep Augmented Reality Law Enforcement*), uma ferramenta de realidade aumentada para a resposta à criminalidade e ao terrorismo, que combina óculos inteligentes, algoritmos e arquitetura de rede 5G, permitindo monitorizar em tempo real operações de cenários de alto risco (em perspetiva de primeira pessoa); ou observar o que veem os inspetores no terreno com os óculos de realidade aumentada RISEN (*Real-tIme on-site forenSic tracE qualification*), um sistema de sensores que permite captar e transmitir os detalhes de uma cena de crime, criando um modelo interativo em 3D. Tem ainda a vantagem de eliminar o risco de contaminação dos vestígios recolhidos, preservando a segurança do operacional.

Já no *IT Hub*, onde se desenvolvem os projetos financiados pelo

LEONARDO NEGRÃO

PJ

LEONARDO NEGRÃO

Em cima à esquerda, a digitalização no Laboratório de Polícia Científica; ao lado, os óculos de realidade aumentada; em cima uma das salas de formação tecnológica da Polícia Judiciária.

PRR e se fazem análises de cibersegurança de vários níveis, encontramos por exemplo "cabines antiescuta", insonorizadas, onde é possível analisar gravações áudio ou realizar entrevistas com total privacidade. Tivemos oportunidade de as testar: de facto, nenhum som do interior se ouve cá fora.

E no Laboratório de Polícia Científica, além de todas as outras complexas análises que são aqui realizadas, as tradicionais (mas fundamentais ainda para identificação) impressões digitais são hoje captadas por *scanners* digitais e não com papel e tinta.

Luísa Proença
Diretora Nacional-Adjunta da PJ

Só que nada destes dados terá grande importância se, depois de obtidos e arquivados, não puderem ser eficientemente acessíveis. E aqui entra uma vertente da digitalização que, apesar de parecer invisível, é absolutamente fundamental – a ligação entre todas as componentes do processo de trabalho por via informática.

"Já a partir de outubro", diz ao DN a diretora Nacional-Adjunta da PJ, dar-se-á mais um passo nesse sentido: entrará em funcionamento, de forma faseada, o Piquete Digital. Ou seja, um sistema que permite "aos inspetores e a quem trabalha no piquete fazer toda a gestão de operações, de uma forma integrada" por via informática, sem papel, desde o momento da denúncia. O que tem um imenso potencial para acelerar os processos de investigação.

Ao todo, afirma Luísa Proença, "são 90 e tal projetos" na área da Tecnologia que estão a ser desenvolvidos em simultâneo na, ou para, a Judiciária. Tal é feito com especialistas da polícia e com parceiros externos, "sempre que possível portugueses", assegura a responsável. Alguns são universidades.

"Hoje vejo uma Polícia Judiciária muito capacitada, tecnologicamente muito evoluída, muito bem formada em matéria de competências, muito capaz de enfrentar os desafios do futuro que se colocam à prevenção e investigação da criminalidade mais complexa, organizada e transnacional", afirma a diretora Nacional-Adjunta. Mas também admite que este é um processo em permanente evolução. "Por outro lado, olhamos para o futuro e temos de ver quais são as necessidades que a polícia vai ter daqui a dois, três, quatro, cinco anos."

Luísa Proença avança que no Fundo de Segurança Interna até 2027 a PJ tem já "projetos identificados que ascendem a 30 e tal milhões de euros", além dos 50 em curso. "Submetemos agora candidaturas que ascenderam a cerca de 11 ou 12 milhões de euros. Estamos à espera de resultados. E até ao final do quadro comunitário do Fundo de Segurança Interna, estamos a contar ir com o nacional e o europeu a 30 e tal milhões, se pudermos." Questionada sobre a taxa de execução, a resposta sai rápida como um tiro: "É 100%, claro. Nós não desperdiçamos um cêntimo!"

Uma coisa é certa, afirma: "A este ritmo, a PJ, em 2025, estará irreconhecível, do ponto de vista tecnológico."

Uma Judiciária "verde" e sustentável

EFICIÊNCIA Reestruturação tecnológica na Judiciária passa também por equipar todos os edifícios com sistemas de energia sustentáveis.

A Polícia Judiciária (PJ) é cada vez mais "verde". Após investimentos em sistemas fotovoltaicos e em obras de impermeabilização de edifícios, hoje não apenas está, em Lisboa e não só, energeticamente autossuficiente, como há até períodos em que "já consegue injetar energia na rede".

Quem o diz, ao DN, é a diretora Nacional-Adjunta, Luísa Proença, quando visitamos as instalações da Judiciária para a reportagem sobre o investimento tecnológico para o combate ao crime (*ler texto ao lado*). Ficamos então a saber que, além de, naturalmente, terem sido necessárias intervenções de fundo no antigo prédio da Rua Gomes Freire, inaugurado em 1958, este chega, em alguns momentos do dia, a injetar a energia sustentavelmente produzida no edifício da nova sede, concluída em 2014... Sinal de como, em apenas dez anos, a consciencialização ambiental mudou radicalmente.

Os edifícios de Lisboa (dois no Instituto da PJ e a antiga sede), Loures, Vila Real e Guarda foram os primeiros a ser intervencionados, via fundos europeus Portugal2020/POSEUR. Foi feita "impermeabilização, substituição das janelas, mudança de todas as luzes, para tecnologia LED, sistema de águas quentes, montados os painéis [fotovoltaicos] e a gestão integrada". E conseguiu-se com isto "uma poupança [energética] que ronda os 50%", afirma Luísa Proença. Isto com um investimento total de "3 milhões e qualquer coisa" – tudo de fundos europeus: "Estes projetos foram financiados a 100% (em alguns casos a 105%) porque houve sobras e como tínhamos cumprido tudo, ainda recebemos mais."

Pelo que o caminho é para prosseguir. A PJ já garantiu financiamento para fazer obras em mais cinco edifícios, "Porto, Aveiro, Leiria, e depois os dois novos de Faro e Braga". Em termos de retorno, Luísa Proença acredita: "Vamos multiplicar estes dados por 10."

O ambiente agradece, os inspetores também. E polícias confortáveis resultam seguramente em investigações mais eficientes.

RSF E VM

EPA / FILIPE AMORIM

Meios estão mobilizados para responder a situações de incêndio.

Risco de incêndios. Governo declara Situação de Alerta em Portugal Continental até terça

CALOR Ministérios adotaram várias medidas preventivas devido às previsões meteorológicas favoráveis a fogos.

Os ministérios da Administração Interna, da Defesa Nacional, da Saúde, das Infraestruturas e Habitação, do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, do Ambiente e Energia e da Agricultura e Pescas declararam ontem Situação de Alerta em todo o Portugal Continental devido ao risco de incêndio. O período de alerta estende-se entre as 13.00 horas de ontem e as 23.59 de amanhã, terça-feira.

Segundo um comunicado, os ministérios adotaram várias medidas preventivas devido às previsões meteorológicas favoráveis ao risco de incêndios previstas pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera. As medidas passam por proibir o acesso, circulação e permanência no interior dos espaços florestais, a realização de queimadas e queimas de sobrantes de exploração, realização de trabalhos nos espaços florestais com recurso a qualquer tipo de maquinaria e a utilização de fogo de artifício ou outros artefactos pirotécnicos.

A proibição não abrange trabalhos associados à alimentação e abeberamento de animais, ao tratamento fitossanitário ou de fertilização, extração de cortiça por métodos manuais, trabalhos de construção civil, trabalhos de colheita de culturas agrícolas com a utilização de máquinas.

A declaração de Situação de Alerta implica também resposta operacional por parte da Guarda Nacional Republicana (GNR) e da Polícia de Segurança Pública (PSP), mobilização de equipas de emergência médica, de saúde pública e apoio social, as equipas de Sapadores Florestais afeta ao Dispositivo de combate.

A Proteção Civil já emitiu avisos à população sobre o perigo de incêndio rural, através do envio de SMS que recomenda: "Não use o fogo em áreas rurais/florestais" e "siga as recomendações das autoridades".

Perímetro florestal da Serra de Sintra encerrado

O perímetro florestal da Serra de Sintra encerrou ontem às 13.00 e assim vai permanecer até final do dia de amanhã, informou a autarquia local.

Também os monumentos localizados no interior de zonas florestais – o Parque e Palácio Nacional da Pena, Castelo dos Mouros, Santuário da Peninha, Convento dos Capuchos, *Chalet* da Condessa D'Edla, Parque e Palácio de Monserrate – permanecerão fechados. A Quinta da Regaleira, Palácio Nacional da Vila de Sintra e o Palácio Nacional de Queluz permanecem abertos ao público durante este período, sem qualquer alteração ao seu funcionamento habitual. **DN**

Opinião
Paulo Guinote

A importância do retrovisor

Na última semana, alguém apresentado como "especialista em Educação", apareceu em, pelo menos, duas intervenções televisivas a dizer algo como "não nos devemos preocupar em olhar pelo retrovisor", relativamente ao passado mais ou menos recente que conduziu à atual situação de carência de professores, não apenas para substituição de ausências temporárias. Ao que parece, o que interessa é olhar em frente, pelo para-brisas, para o futuro, em busca de soluções.

A metáfora ou analogia parece apelativa, mas é errónea e causa de muitos dissabores, a começar pelos rodoviários. Olhar pelo retrovisor, quando se conduz, é uma regra básica de segurança para se evitarem acidentes. Para além de ser uma analogia (ou metáfora) errada, porque uma coisa é a relação entre passado e futuro, outra a relação entre duas coisas que se estão a passar atrás ou diante de nós. Numa falamos de tempo, em outra de espaço.

Mas, voltando à questão que motivou a metáfora (ou analogia), a tentação pelo apagamento da Memória por parte de quem se apresenta como "solucionador" não é nova e vai a par do desejo de fazer esquecer o conjunto das circunstâncias que levaram a dada situação. E, como parece óbvio, não é preciso acreditar numa História cíclica e determinista para compreender que sem conhecer os erros do passado, se corre o risco de os repetir de forma desnecessária. Devemos olhar em frente, sim, mas no contexto de um percurso, de uma evolução, não como se tudo se estivesse a reiniciar a cada momento que olhamos para diante.

Percebo que o apagamento da Memória (o retrovisor?) é muito útil quando temos interesse em eliminar o rasto do que fizemos ou deixámos de fazer. É o caso de dois ex-ministros que também tiveram uma aparição televisiva numa manhã recente, lado a lado no ecrã, como se não tivessem ocupado cargos de decisão política na área da Educação durante os últimos 13 anos. Nuno Crato garantiu que não disse o que efectivamente disse em 2012 e até fez primeira página de jornais, pelo que é facilmente verificável, e João Costa refugiou-se em medidas tardias, tomadas já de saída, que facilmente se verificou serem insuficientes ou ineficazes para resolver o problema.

> "A solução, olhando pelo retrovisor, pelas janelas ou pelo para-brisas, sem neblinas ideológicas, não passa pelo mecanismo do concurso – afinal, as vagas não mudam de local –, mas pelo apoio à deslocação de quem, de outro modo, acaba por optar por outras vias profissionais."

É importante recentrarmos a realidade, fugindo de factos alternativas e das "narrativas" em que cada um se refugia como forma de desresponsabilização. Durante anos, alegou-se que existia um excesso de oferta de professores, porque a evolução demográfica permitia antecipar uma regressão no número de alunos. Existiram "especialistas" em previsões estatísticas com variáveis estáticas, incapazes de um olhar dinâmico sobre movimentos da população que não são de agora. E durante outros anos, fingiu-se que o problema não existia, nem que se ia agravando uma assimetria regional entre as zonas do país com oferta de professores e as zonas onde a evolução demográfica desmentiu as previsões especializadas.

A solução, olhando pelo retrovisor, pelas janelas ou pelo para-brisas, sem neblinas ideológicas, não passa pelo mecanismo do concurso – afinal, as vagas não mudam de local –, mas pelo apoio à deslocação de quem, de outro modo, acaba por optar por outras vias profissionais. A mim, parece uma equação simples relacionada com a oferta e procura. Só tem a ver com questões rodoviárias, porque implica a viagem de uns milhares de professores pelas estradas de Portugal, rumo ao Sul.

Professor do Ensino Básico.

A vida jurássica na Europa, segundo Benjamin Waterhouse Hawkins.

Nos campos de Oxford ergueu-se um gigante no século XVII

CIÊNCIA *VINTAGE* Nos ossos fossilizados da megafauna pré-histórica, encontrados na Europa e América dos séculos XVII e XVIII, acreditava-se existir a prova do gigantismo dos humanos bíblicos. Sem o saber, o cientista Robert Plot lidava com os ossos de um Megalossauro.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Província de Nova Iorque, 1705. Um povoador holandês de cujo nome se perdeu na memória lança-se na tarefa de drenar um pântano nas margens do Hudson. Nos anos seguintes, um achado nas lamas do grande rio, mudaria de mãos, para viajar entre dois continentes. Teologia e Ciência digladiaram-se em torno do dente ancestral encontrado pelo anónimo holandês. O fóssil cairia mais tarde nas mãos do deputado Peter Van Brugh, em troca de uns litros de rum. Em Albany, o dente pré-histórico coube em sorte a Edward Hyde, governador de Nova Iorque. Hyde, olhou para o dente fossilizado que adquirira e anteviu-lhe um passado bíblico. Ali estava a prova de um pretérito povoado por gigantes humanos. Um testemunho milenar que o governador endereçou à prestigiada Royal Society de Londres.

Este episódio situado no início do século XVIII é recordado pela francesa Claudine Cohen, no livro de 2002, *The Fate of Mammoth* (*O Destino do Mamute*). A paleontóloga e docente na parisiense École des Hautes Études en Sciences Sociales, argumenta que a história da interação humana com ossos fossilizados da megafauna pré-histórica foi influenciada na crença da existência de gigantes. As religiões, a cultura popular, a ficção, as lendas e mitos em todas as latitudes contam-nos histórias de humanos gigantes. Recorda-nos Cohen que o naturalista romano Plínio, o Velho descreveu o esqueleto de um gigante encontrado em Creta após um sismo. O escritor francês François Rabelais, criou uma "gigantologia totalmente fabricada" em *A vida de Gargântua e de Pantagruel*, textos do século XVI, em tom satírico, provocadores, não destituídos de crueldade e violência. O dente descoberto em 1705 fundaria todo um mito em torno do Gigante de Claverack e desencadeou a investigação gigantológica, encabeçada por dois intelectuais americanos. Cotton Mather, ministro protestante olhava para o dente fossilizado vendo-o como a prova de que a natureza comprovava os relatos do *Antigo Testamento*. Já Edward Taylor, poeta e clérigo, procurava naquele indício pré-histórico, a causa da extinção de grandes animais por força do Dilúvio bíblico.

Na época em que o dente do Gigante de Clareack (proveniente de um mamute-lanoso, com 10 000 anos) agitava as mentes norte-americanas, a Europa também cogitava em torno dos grandes ossos fossilizados. No velho continente multiplicavam-se as narrativas em torno dos gigantes humanos do passado. Um destes gigantes, sabe-se hoje, vivera há 166 milhões de anos, no Jurássico Médio, media cerca de seis metros de comprimento, pesava em torno dos 700Kg, apresentava locomoção bípede, membros anteriores curtos, uma enorme cabeça e dentes longos e curvos. No século XVII, o Megalossauro, o "grande lagarto" que habitou o território da atual Inglaterra (nas proximidades de Oxford), espicaçou os sonhos de um professor de química nascido em 1640. Ao estúdio de Robert Plot chegou a parte inferior de um fémur fossilizado descoberta numa pedreira de calcário. O naturalista e antiquário pareceu-lhe ver no osso uma secção da coxa de um elefante de guerra romano. Em breve, o cientista concluiu numa outra direção. O que tinha em mãos era uma ossada proveniente de um gigante bíblico. Uma descoberta que Robert Plot levou para o seu livro de 1677, *The Natural History of Oxfordshire*, assim descrita: "Felizmente chegou a Oxford (...) um elefante vivo para ser exibido publicamente, cujos ossos (...) comparei com os nossos [ossos fossilizados]; e descobri que os do elefante não apenas tinham uma forma diferente, mas também eram incomparavelmente diferentes dos nossos, embora a besta fosse muito jovem e não estivesse nem na metade do crescimento. Se não são ossos de cavalos, bois ou elefantes, como estou fortemente persuadido... resta que (apesar da sua magnitude extravagante) devem ter sido ossos de homens ou mulheres".

THE NATURAL HISTORY OF OXFORD-SHIRE, Being an Essay toward the Natural History of ENGLAND.

By R. Plot LL. D.

Ilustração de Plot da extremidade inferior do fêmur *"Scrotum humanum"* e capa da revista *Natural History of Oxfordshire.*

Sem o saber, na sua obra de 1677, Plot publicava a primeira ilustração de um osso de dinossauro. Dada a sua forma, semelhante aos testículos humanos, o osso de Plot abriria uma nova saga no mundo da paleontologia. Em 1763, o médico inglês Richard Brookes recuperava a gravura de Plot para a legendar como "*Scrotum Humanum*". Uma designação que atravessaria dois séculos para, em 1970 se ver corroborada pelo paleontólogo Lambert Halstead. Em 1993, após a morte de Halstead, uma petição junto da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica propôs suprimir formalmente a designação "*Scrotum Humanum*".

Quanto ao gigante bíblico de Plot, o século XIX iria reposicioná-lo. Da teologia para a ciência, as ossadas do sáurio gigante seriam reconstituídas em 1824 pelo biólogo e paleontólogo britânico Richard Owen. Owen a par do escultor Benjamin Waterhouse Hawkins, aproximariam o gigantismo da fauna pré-histórica do grande público. Em 1851 apresentaram no londrino Crystal Palace uma mostra com 15 esculturas em tamanho real da fauna ancestral. O Megalossauro preponderava, embora numa posição quadrúpede.

Owen faleceu em 1892. Plot falecera em 1696. Nos anos anteriores trabalhara num solvente universal obtido a partir de vinho, procurou canais subterrâneos originários do mar e descreveu um pôr do sol duplo.

A atriz e produtora artística Giulia dal Piaz em Sintra. Giulia chegou a Portugal para estudar em 2018.

Rendas altas em Lisboa são motivo de dor de cabeça para estudantes brasileiros

HABITAÇÃO O problema afeta todos os residentes da capital portuguesa, mas é ainda mais acentuado para os imigrantes. É preciso enfrentar barreiras como o não-acesso a apoios públicos, a burocracia e a realidade da xenofobia na procura por um teto para viver no novo país.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ** FOTOS **LEONARDO NEGRÃO**

Na Quinta da Ribafria, em Sintra, a atriz e produtora brasileira Giulia dal Piaz, 26, atende a reportagem do DN Brasil a poucos quilômetros de sua casa temporária. Após duas experiências frustrantes com aluguéis em Portugal, tendo que sair de dois apartamentos pelo aumento dos preços, a paulistana teve que ir morar na casa dos sogros enquanto procura outra opção, muito provavelmente fora da capital: "Lisboa está impossível", lamenta.

A frase parece "batida", termo usado pelos portugueses para algo que já é muito falado, uma obviedade. Mas a crise de especulação imobiliária na capital portuguesa afeta ainda mais os imigrantes brasileiros que aqui chegam, especialmente os jovens e estudantes. Em Portugal há seis anos, Giulia, que chegou ao país para cursar Estudos Artísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), diz que a procura por casa é um dos maiores empecilhos para um brasileiro que aqui chega para estudar.

Para ela, são duas as opções que um jovem imigrante tem em Portugal: ou arrendar um quarto, normalmente em uma casa com muitas pessoas, ou tentar arrendar um apartamento com amigos, o que geralmente envolve outros problemas como mais cauções e, principalmente, mobilar a casa.

"É difícil porque, no começo, não tem muito como escapar daquilo de dividir casa com várias pessoas, mas vira algo muito impessoal, é triste. À medida que você vai conhecendo pessoas, o ideal é tentar arrendar uma casa com amigos, mas mesmo assim tem coisas complicadas", relata a paulistana, que teve dificuldades em "montar" o seu último apartamento com uma amiga.

"Na última casa que eu estive tinha só esquentador. E para a gente que tá aqui sozinho é complicado mobilar tudo, quem é daqui às vezes pode pedir para al-

DN BRASIL
É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um site com atualização diária e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.

gum familiar um móvel ou outro, para nós é mais difícil. Então é um gasto extra relevante que quem pensa em mudar para cá também tem que ter em conta", afirma Giulia, uma das produtoras do Festival Clarão, realizado na última semana em Sintra e onde recebeu a reportagem do DN Brasil.

Antes da mudança temporária para Sintra, Giulia vivia com uma amiga beneficente do programa Porta 65, um dos projetos de apoio para jovens para alugar casas em Portugal. Para quem acaba de chegar ao país para estudar, no entanto, esses programas não são uma opção no primeiro momento, sendo a candidatura condicionada à entrega de declarações como a de IRS, por exemplo.

"Demorei a poder ter condições para me candidatar no processo, eu acho que, para nós, brasileiros e, especialmente quando estudava, a maior dificuldade era poder romper essas barreiras da burocracia portuguesa. A questão do fiador português, por exemplo, é sempre um problema para gente, ainda mais para uma jovem que acaba de chegar", argumenta Giulia, que após o graduação na FLUL, cursou mestrado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Ainda sobre a experiência com arrendamentos, ela revela que o episódio mais intenso pelo qual passou foi há cerca de dois anos, quando teve que ir à justiça após receber uma ordem de despejo.

"Dividia uma casa com dois amigos, também brasileiros. A senhoria vendeu a casa, mas assinou uma carta dizendo que poderíamos ficar ali mais um ano. Pouco tempo depois, apareceu um advogado na nossa casa pedindo a chave. Foi um *stress*. Ficamos meses em tribunal até nos darem razão, mas nesse meio tempo foi complicadíssimo, as casas já tinham ficado mais caras, uma tensão horrível, enfim: estar preparado para esse tipo de coisa longe de casa não é fácil", lamenta Giulia.

Xenofobia na procura

Gabriela, cearense que prefere não identificar o sobrenome e chegou a Lisboa para cursar mestrado, passou recentemente por outro problema muito comum para os brasileiros: a xenofobia. Após ter que sair da casa onde morava pelo aumento no preço, iniciou a procura e logo reparou que seu sotaque seria um empecilho.

"Nem é uma coisa com os estrangeiros, é com brasileiros mesmo", diz a cearense que ao ter uma visita recusada sem motivos aparentes, viu o namorado, alemão, agendar uma marcação no mesmo apartamento.

Alexandre Petarli é outro jovem brasileiro que imigrou para Portugal para tentar a sorte. Embora não tenha vindo para alguma universidade, o carioca rapidamente se viu no meio de estudantes pela dificuldade de conseguir alugar um quarto ou casa. Quando iniciou a procura por alojamento, assim, como Gabriela, reparou que era impedido de fazer uma visita a um apartamento por causa do sotaque.

"Eu ligava e me falavam "já está arrendado". Achava estranho, tendo em vista que muitas vezes eram anúncios que tinham sido colocados há poucos dias e também não me parece fazer muito sentido manter um anúncio na internet se não está mais disponível. Enfim, parecia uma desculpa", afirma o carioca, que chegou a Portugal com 28 anos e pediu a um amigo português fazer um "teste", assim como Gabriela com o namorado.

"Por desencargo, pedi para ele ligar para os mesmos lugares que tinha falado: consegui marcar três visitas. A partir dali eu senti que eu sempre precisaria de um terceiro para interceder, falar que era para um amigo, eles (proprietários) não dizem que não querem alugar diretamente, é uma coisa mais subjetiva", assinala Alexandre, técnico de informação que atendeu à reportagem do DN Brasil no escritório da empresa em que trabalha, em Oeiras.

> "Graças a Deus nós somos muitos aqui em Portugal e é uma comunidade que acaba se ajudando muito no dia a dia aqui em Portugal (...) Acho que se não fosse a rede de apoio dos imigrantes brasileiros, muita gente já teria voltado", diz Alexandre Petarli.

Impedido de visitar a maior parte dos lugares que tentou, Alexandre se viu obrigado a seguir o caminho que muitos imigrantes são confrontados ao chegar por aqui: alugar um quarto em uma casa compartilhada. Foi morar em uma espécie de república na Venteira, freguesia na Amadora, onde compartilhava a casa com mais 20 pessoas.

"Era uma espécie de hostel, mas muito pior. Um banheiro para quatro quartos, cozinha comunitária para os 20, imagina só: um fogão para tudo isso de gente? Acontecia de roubarem comida também, enfim, eram condições muito precárias e era o que aparecia para a gente, porque esse tipo de casa os portugueses não querem", relembra.

Se alugar uma casa é difícil, comprar não é diferente. Assim como Giulia, Gabriela teve que sair de seu último apartamento após o proprietário aumentar o aluguel. Vendo os preços em Lisboa subirem de forma descontrolada, a brasileira mudou o foco e começou a procurar uma casa para comprar: "Pagar um aluguel de 500 por um quarto é uma loucura, é basicamente trabalhar para ter onde dormir. Comprando, pelo menos daqui a 40 anos, a casa é minha. Se tiver como pagar uma entrada, de 10%, por exemplo, vale a pena", afirma a cearense.

Procurando fora de Lisboa, Gabriela encontrou o apartamento ideal: perto da estação de comboios, remodelado, 50 metros quadrados, o que precisava e sonhava. A imobiliária aceitou a proposta de Gabriela, mas, ao chegar no banco, a jovem viu a ideia ruir: ou arranjava um fiador português, ou pagava metade do preço da casa, avaliada em 140 mil euros. "Agora nem sei mais, não tenho ninguém para isso, portanto é voltar a procurar algo para arrendar", lamenta Gabriela, vivendo com o namorado desde que ficou sem casa, no início do mês de agosto.

Apoio em comunidade

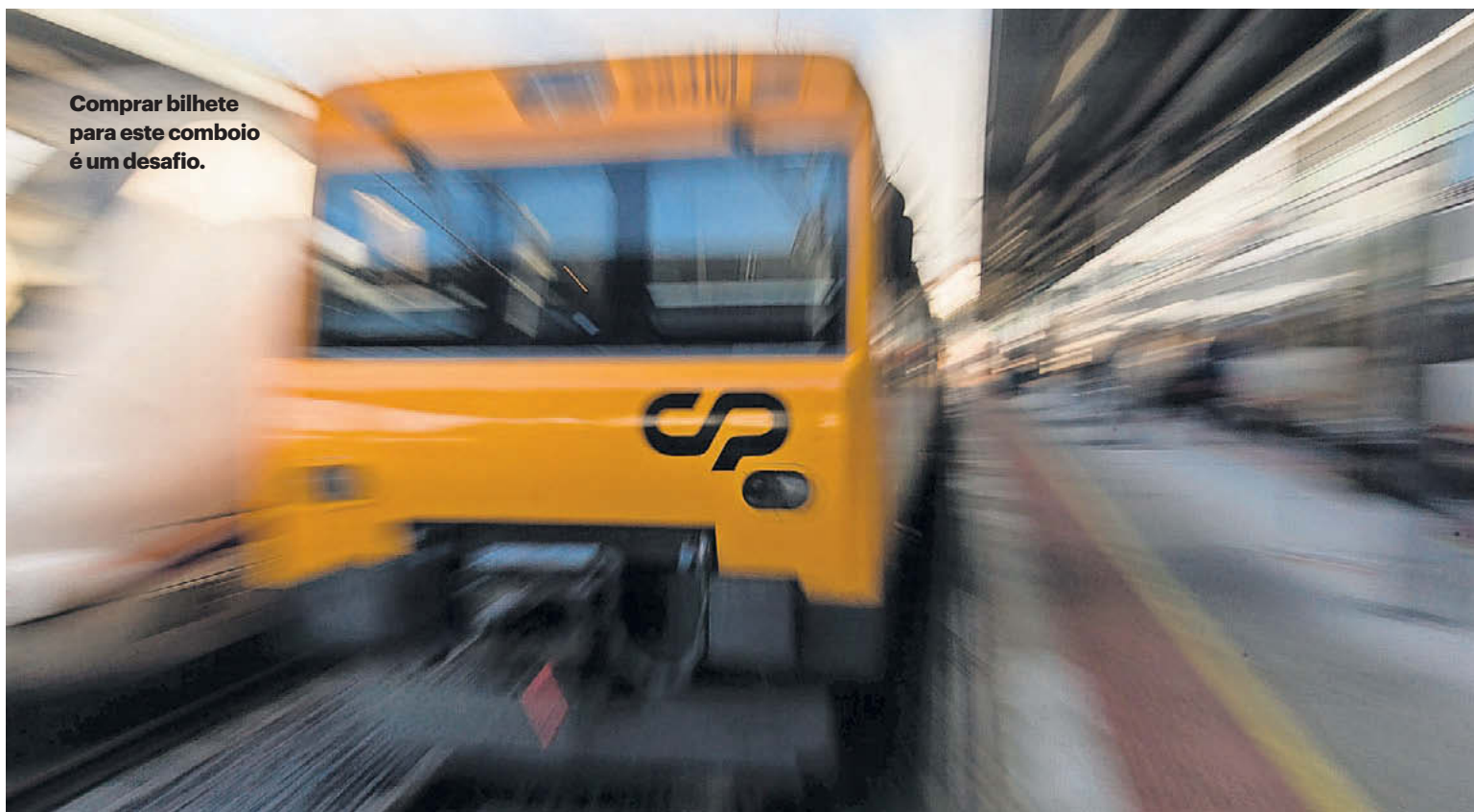
O ano letivo na maioria das universidades portuguesas começa nesta segunda-feira, seguramente com muitos estudantes brasileiros que iniciam uma nova etapa no país. Giulia, dos tempos da faculdade, lembra que muitas vezes utilizar o analógico ao invés do digital pode ser mais eficiente e justo quando se está à procura de casa.

"O primeiro quarto que encontrei foi num painel da Associação de Estudantes da minha faculdade. Tinham vários anúncios e sei que é algo comum nas universidades e que muitos brasileiros que chegam aqui talvez não saibam, procuram logo nos sites principais. Tenho a impressão que, geralmente, quem coloca esses anúncios ali, com número a mão, indicações simples, não coloca tanto a faca como alguns sites. Pode ser um caminho mais interessante para quem chega", finaliza.

Já Alexandre, após passar quase um ano na república na Venteira, finalmente conseguiu um quarto que considera decente, na região da Alameda, em Lisboa. Perguntado sobre qual o caminho ideal para um jovem que esteja planejando a mudança para Portugal, ele afirma que formar redes de apoio no país é fundamental para um jovem imigrante.

"Graças a Deus nós somos muitos aqui em Portugal e é uma comunidade que acaba se ajudando muito no dia a dia, em grupos nas redes sociais, etc. Então o mais importante é conhecer pessoas, vira muito mais uma questão de indicação. Acho que se não fosse a rede de apoio dos imigrantes brasileiros, muita gente já teria voltado: é muito difícil você conquistar o seu espaço em Portugal, seja no trabalho, seja para conseguir um lugar para morar", conclui Alexandre.

nuno.tibirica@dn.pt

Alexandre Petarli no seu local de trabalho, em Oeiras. Chegou a Lisboa com 28 anos e teve que dividir casa com 20 pessoas.

Comprar bilhete para este comboio é um desafio.

RUI MANUEL FONSECA / GLOBAL IMAGENS

Comboio Celta deixa de parar na fronteira em 2025

FERROVIA Ligação ferroviária entre Porto e Vigo viveu mês problemático no pico do verão, com os passageiros a serem obrigados a mudar para o autocarro em Viana do Castelo por falta de maquinista do lado espanhol.

TEXTO **DIOGO FERREIRA NUNES**

Os comboios vão poder atravessar a fronteira na Linha do Minho sem parar a partir do próximo ano. Entre Valença e Tui será instalado um sistema de apoio à condução (sistema ATP), para aumentar a segurança. O comboio Celta, entre Porto e Vigo, será o principal beneficiado com esta medida. A instalação do sistema ATP já está em marcha e ficará pronta antes do verão de 2025, decorrido o prazo de 270 dias. A Siemens foi a empresa escolhida para colocar a solução na linha e o contrato foi assinado com a Infraestruturas de Portugal (IP) em 16 de agosto, segundo a informação publicada três dias depois no portal Base.

Em Portugal, o sistema ATP está associado ao Convel, mecanismo instalado no comboio e que está constantemente a verificar se o comboio segue dentro da velocidade prevista, através da leitura de balizas instaladas em mais de 1500 dos 2562 quilómetros da rede ferroviária nacional. Durante uma viagem, o maquinista tem de confirmar que está a cumprir a sinalização. Se tal não acontecer, o Convel tem a capacidade de frenar o comboio. O sistema Convel chegou a Portugal no início dos anos 1990.

Em Espanha, o sistema ATP é o ASFA e começou a ser instalado na década de 1970. Para circular entre Portugal e Espanha, o comboio Celta tem os dois sistemas a bordo, mas atualmente tem de fazer uma paragem técnica na fronteira. A situação vai mudar a partir de 2025: será possível circular entre Valença e Tui com qualquer um dos sistemas em funcionamento. Será necessário "em Valença ou Tui comutar de um sistema para o outro" através de um botão colocado na cabine do maquinista, explica ao DN/Dinheiro Vivo fonte oficial da IP. A solução irá proporcionar o "reforço das condições de exploração e segurança", sinaliza a gestora da rede ferroviária nacional.

> Apesar de circular numa linha totalmente eletrificada há mais de três anos, o comboio Celta continua a ligar Porto a Vigo numa automotora a gasóleo com mais de 40 anos. A automotora da série 592 é alugada pela CP à Renfe.

Apesar de circular numa linha totalmente eletrificada há mais de três anos, o comboio Celta continua a ligar Porto a Vigo numa automotora a gasóleo com mais de 40 anos. A automotora da série 592 é alugada pela CP à Renfe e é conhecida como "Camela" na gíria ferroviária, por causa das caixas do ar condicionado, que fazem lembrar as bossas deste animal.

Debaixo de uma verdadeira cooperação ibérica, o Celta poderia funcionar com as locomotivas da série 252 da Renfe – que suportam os sistemas ASFA e Convel – e poderiam rebocar algumas das antigas carruagens Arco, que a CP comprou à Renfe por 1,5 milhões de euros em 2020 e que têm sido recuperadas nas oficinas de Guifões. Os passageiros poderiam beneficiar de maior conforto, poupava-se na despesa com o gasóleo, seria necessário alugar menos material circulante a Espanha e o ambiente ficaria a ganhar – ainda para mais, quando Portugal é um dos países na Europa que mais energia produz a partir de fontes renováveis.

No entanto, tem tardado oferecer um melhor serviço às regiões do Minho e da Galiza. No pico do verão, parte do Celta foi feito de autocarro entre Viana do Castelo e Vigo porque faltou o maquinista da Renfe, que assegura sempre este percurso – a troca com o maquinista português ocorre em Viana do Castelo. O autocarro de substituição foi para a estrada em dois períodos: entre 15 e 21 de julho, dos 28 serviços programados, houve problemas em metade deles; entre 20 e 26 de agosto, dos 24 comboios programados, houve seis que foram perturbados.

"Devido a várias baixas médicas de última hora nesses dias, não nos foi possível prestar o serviço de forma habitual", assume ao DN/Dinheiro Vivo a parceira espanhola da CP. A Renfe "lamenta os incómodos causados" aos passageiros e garante que se tratou de uma "situação pontual". Ao trocar o comboio pelo autocarro a meio do caminho, deixa de ser possível, por exemplo, transportar bicicletas. Também fica mais difícil a entrada e saída de passageiros. O transbordo forçado também piorou o cumprimento do horário do comboio menos pontual da CP: em 2023, o Celta apenas chegou a horas – isto é, com menos de cinco minutos de atraso – em 17,7% das viagens.

Comprar o bilhete para este comboio é outro desafio: se for ao portal ou aplicação da CP, é enviado para a página da Renfe, com as instruções em castelhano. Em Portugal, bilhete para o Celta só mesmo ao balcão das estações que vendem ingressos. A transportadora portuguesa atira a resolução do problema para o lançamento do novo portal e aplicação móvel, que continuam sem data anunciada. O DN/Dinheiro Vivo também ficou sem saber se a CP foi prejudicada pelos transbordos do comboio transfronteiriço e se foi previamente informada da situação.

geral@dinheirovivo.pt

Governo reitera compromisso de aprovar candidaturas aos fundos em 60 dias e pagamentos em 30

FEIRA De visita às empresas portuguesas de calçado na Micam, em Milão, o secretário de Estado da Economia garante que o Executivo tem estado a "corrigir" situações detetadas e que não quer ser "uma barreira ao investimento".

TEXTO **ILÍDIA PINTO,** EM MILÃO

O secretário de Estado da Economia elogiou ontem a "resiliência" das empresas portuguesas e a sua capacidade de transformar "dificuldades em oportunidades". João Rui Ferreira visitou a delegação portuguesa na Micam, em Milão, e reiterou o compromisso do Governo em agilizar os fundos europeus, implementando, até ao fim do ano, prazos máximos de análise de candidaturas de 60 dias e de pagamento de 30 dias, assumindo que não quer ser uma "barreira ao investimento".

"O setor, daquilo que senti, está disponível para investir. Tem é pedido, de facto, mais eficiência ao nível da ação da Administração Pública e das instituições que coordenam [estes projetos]. Sobretudo, que sejamos mais ágeis nas respostas e pagamentos. Há um compromisso, que é público e estamos a trabalhar intensamente para isso, que é a análise de candidaturas em 60 dias e os pagamentos a 30 dias até ao final do ano. Portanto, temos um esforço enorme de todos para conseguir lá chegar", disse João Rui Ferreira em resposta aos jornalistas, lembrando que o Governo tem procurado, desde que tomou posse, "corrigir algumas questões detetadas, designadamente do ponto de vista das ferramentas e plataformas" associadas à submissão de projetos e de pedidos de pagamento.

São 40 as empresas portuguesas representadas em Milão e o Governante procurou ouvir de cada empresário que visitou quais os maiores desafios com que se confronta e como pode o Governo ajudar a ultrapassá-los. O CEO da Celita, empresa de Guimarães detentora da marca Ambitious, não teve pejo em apontar os atrasos na avaliação dos projetos de investimento como uma das questões que mais condiciona a atividade empresarial, já que "não só as decisões que tardam", como, quando chegam "já não há dotação orçamental suficiente", o que se traduz em rateios que levam a ajudas inferiores às inicialmente previstas.

O secretário de Estado da Economia, João Rui Ferreira, com o CEO da Carité, Reinaldo Teixeira, em Milão.

Paulo Martins apontou ainda o impacto que o aumento do custo da mão de obra tem tido na produção e, embora reconheça que o caminho tem de ser esse, o da valorização dos salários, pede formas de discriminação positiva, eventualmente em sede fiscal, para os grandes empregadores. "A responsabilidade social de uma empresa que emprega 200 ou 300 trabalhadores é completamente diferente da que emprega 20 ou 30. Deveria haver um benefício qualquer, eventualmente na TSU, que ajudaria a aumentar a competitividade e a criar mais empregos", assegura.

João Rui Ferreira remete para as negociações em sede de Concertação Social. "Eu quero deixar a discussão nessa esfera onde ela tem de estar, mas a boa notícia é que os empresários percebem que a competitividade tem de vir de vários fatores e, sobretudo, há esse esforço de sermos competitivos em diferentes ângulos da nossa matriz produtiva", diz.

Para contornar a questão do aumento do custo da mão de obra, mas também da falta de trabalhadores, o Grupo Carité, que já emprega mais de 600 pessoas distribuídas pelas suas cinco fábricas em Felgueiras, Celorico e Castelo de Paiva, está a investir fortemente em tecnologia, designadamente em automação, mas também está a subcontratar a produção de gáspeas (a parte superior do calçado) em Marrocos e na Índia. Chegou a fazê-lo na Roménia, onde a determinada altura ponderou instalar uma fábrica, mas o disparar dos salários neste país do Leste europeu tornou inviável esta aposta.

"Precisamos de ajustar preços e arranjar formas de sermos competitivos, sem baixarmos a qualidade do produto que fazemos", refere Reinaldo Teixeira, garantindo que não se trata de deslocalizar produção, que se manterá sempre em Portugal, mas apenas de encontrar formas alternativas de competitividade. Antes da pandemia a Carité ganhou um contrato para abastecimento de 80 mil pares de botas à NATO, mas desde então tem perdido os vários concursos a que se apresenta, "sempre pelo fator preço". A Tentoes Trekking, uma marca de calçado de caminhada, que está agora a apresentar a sua terceira coleção, é outra das apostas da Carité, tendo em vista mercados como o americano, mas o preço continua a ser um desafio.

A Ambitious também já experimentou subcontratar o corte e costura fora do país, mas sem sucesso. "O trabalho manual é muito importante e a qualidade não era a mesma", admite Paulo Martins, que está a assentar a comunicação da marca, precisamente, na sua experiência como fabricante. É que Itália é o principal destino da marca, um país que está a trilhar um caminho distinto. "A indústria está a desaparecer em Itália e, a médio prazo, isso vai ter consequências", acredita.

E, apesar da conjuntura recessiva dos mercados internacionais, com as exportações portuguesas de calçado a caírem 13,8% em valor, para 1013 milhões de euros, e 1,6% em quantidade, para 41,5 milhões de pares, há novas marcas a nascer. Disso mesmo deu conta o diretor comercial da Kyaia ao secretário de Estado da Economia. O grupo de Guimarães, que detém as marcas Fly London e Softinos, além da parceria com o grupo Amorim n'As Portuguesas, vai apresentar, no final do mês de outubro, à sua rede de agentes a coleção de outono-inverno de 2025 da Fred & Frederico, marca de calçado de *outdoor* cujo nome é uma homenagem ao fundador do grupo, Fortunato Frederico. Destinado a um público jovem, esta será uma coleção unissexo. "O *outdoor* está na moda e queremos apresentar um produto que possa ser usado no dia a dia como artigo de moda", explica Paulo Monteiro, diretor Comercial da Kyaia.

O porta-voz da APICCAPS, a associação do calçado, mostra-se satisfeito com os compromissos assumidos pelo Governo, de agilização dos apoios. Paulo Gonçalves fala numa "excelente medida", que será um "estímulo para que mais empresas possam associar-se a iniciativas promocionais no exterior". As expectativas para esta edição da Micam, que decorre em Milão até amanhã, é que seja "nova alvorada" para o setor. "O movimento nos corredores parece-nos muito interessante. Sentimos sinais claros de uma recuperação dos mercados internacionais. A baixa das taxas de juro, a inflação normalizada naturalmente, são boas notícias e poderão servir naturalmente como estímulo ao consumo", diz Paulo Gonçalves.

**A jornalista viajou a convite da Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos*

Sten Rynning "A NATO poderia e deveria fazer mais para ajudar a Ucrânia"

GEOPOLÍTICA Professor de Relações Internacionais no Departamento de Ciência Política da Universidade do Sul da Dinamarca, Sten Rynning é autor do livro *NATO: Da Guerra Fria à Ucrânia, Uma História da Aliança Mais Poderosa do Mundo* (Edições 70). Nesta entrevista ao DN, analisa a relação da Aliança Atlântica com a Rússia, o impacto das Presidenciais americanas no futuro da organização e ainda o perfil do secretário-geral.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Foi uma surpresa, para si, a Suécia e a Finlândia juntarem-se agora à NATO, num caso pondo fim a dois séculos de neutralidade e no outro destruindo até mesmo o conceito de finlandização?
Sim, a reviravolta desses dois países em relação à NATO foi notável e inesperada. A escolha da Rússia de uma agressão à Ucrânia por intermédio de uma grande guerra convencional fez toda a diferença. A Finlândia foi o país decisivo, sendo mais determinada do que a Suécia, mas trabalhando em estreita colaboração com a vizinha. Os finlandeses conhecem muito bem a Rússia, é claro, e não tiveram dúvidas.
Essa expansão da NATO depois da invasão da Ucrânia em 2022 surpreendeu até Vladimir Putin?
O presidente Putin sem dúvida calculou mal neste e noutros aspetos. Ele não previu nem a resiliência da Ucrânia, nem a extensão da oposição ocidental à guerra. E certamente não previu a ampliação nórdica da NATO. Mas Putin está a adaptar-se, colocando toda a economia da Rússia em pé de guerra e apostando que será capaz de desgastar a Ucrânia e cansar a Aliança Ocidental.
Quando se fala da NATO como sendo a aliança militar mais bem-sucedida da História, estamos perante um exagero ou é uma verdade verificável?
É uma declaração comemorativa, normalmente feita por dirigentes ou figuras da NATO. Mas sim, a NATO é uma aliança político-militar bem-sucedida. Durante estes últimos 75 anos, inspirou uma visão de comunidade política na área Euro-Atlântica e protegeu-a por meios militares. Ela aguentou a Guerra Fria, e guerras civis na sua periferia, também o terrorismo internacional e agora até uma grande guerra à sua porta. Ainda assim, em vez de se alegar que é a mais bem-sucedida da história, devemos apreciar a NATO como uma faceta do interesse geopolítico dos Estados Unidos na Europa, e como o desejo da Europa de trabalhar com os americanos. É uma parceria muito sólida, mas é política e um dia pode chegar ao fim.

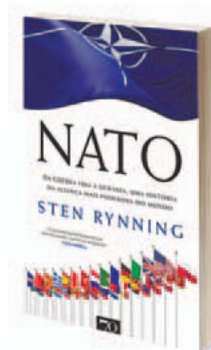
"Putin não previu nem a resiliência da Ucrânia, nem a extensão da oposição ocidental à guerra. E certamente não previu a ampliação nórdica da NATO."
Sten Rynning
Professor de Relações Internacionais no Departamento de Ciência Política da Universidade do Sul da Dinamarca

E poderia realmente fazer muita diferença para o futuro da NATO se o candidato republicano Donald Trump conquistar a 5 de novembro a Casa Branca em vez de Kamala Harris, a candidata democrata à sucessão de Joe Biden?
A liderança faz uma diferença real. Donald Trump esgotou a NATO durante a sua presidência (2017-2021) e não entendeu o cerne da aliança: o princípio de que, aconteça o que acontecer, permaneceremos unidos. O presidente Trump dividiu os aliados e puniu-os pelos seus baixos orçamentos de Defesa, e falou suavemente com Vladimir Putin, o presidente da Rússia. Causou, assim, ansiedade política e semeou a desconfiança. Uma presidência renovada de Trump poderia fazer o mesmo e talvez em maior extensão. A NATO não sobreviveria facilmente a um comandante-em-chefe dos Estados Unidos que retirasse o seu apoio ao princípio fundamental de solidariedade da NATO.
O holandês Mark Rutte como secretário-geral a partir de 1 de outubro, substituindo o norueguês Jens Stoltenberg, que está no cargo desde 2014, também poderá trazer algo novo à NATO?
A minha favorita pessoal era Kaja Kallas, ex-primeira-ministra da Estónia. Ela teria simbolizado a renovação por ser uma mulher, uma aliada de Leste e uma representante de um país que faz grandes esforços de Defesa. Em vez disso, a NATO escolheu Mark Rutte, e Kaja Kallas vai tornar-se a Alta Representante da UE para Política Externa. Rutte não é um homem de visão que levará a NATO a novos patamares de ambição. É um pragmático que se dedicará a gerir os assuntos do dia a dia da NATO. Talvez seja disso que a NATO precisa. E é certamente o que os aliados escolheram.
Faz sentido expandir a área de intervenção da NATO para a região do Indo-Pacífico, para apoiar os Estados Unidos na contenção da China?
O sistema de segurança internacional é dinâmico, e a Rússia e a China estão em manobras. Para gerir isso, a NATO tem um interesse coletivo em fortalecer o diálogo com os parceiros-chave na região do Indo-Pacífico. Os líderes do Japão, da Coreia do Sul, da Austrália e da Nova Zelândia compareceram simbolicamente nas três cimeiras mais recen-

Os 75 anos da NATO foram celebrados numa cimeira em Washington. Joe Biden deu novo fôlego à organização.

tes da NATO. Isso não significa que as forças militares da NATO vão ser enviadas para o Indo-Pacífico, o que continua a ser um cenário improvável. Mas estabelece parcerias que permitem à NATO dar sentido a um ambiente de segurança fluido, definir as suas próprias prioridades e obter apoio para elas.

A Ucrânia como membro da NATO, assim como a Moldávia e a Geórgia, é plausível ou há limites para essa ampliação?

A Rússia ocupa partes de todos esses três países e por isso é complicado. Mas a guerra da Rússia contra a Ucrânia torna óbvio que a Ucrânia e a vizinha Moldávia devem ter um caminho aberto para a adesão à NATO. A NATO hesita. Liderada pelos Estados Unidos e pela Alemanha nessa questão, a NATO não quer arriscar uma escalada enquanto a guerra está a acontecer. Mas corre o risco de colocar o destino da Ucrânia nas mãos da Rússia. A NATO poderia e deveria fazer mais para ajudar a Ucrânia, também em termos de adesão. A Geórgia tem uma geografia diferente, e a minha sensação é de que os aliados da NATO serão mais relutantes em aceitar a Geórgia em relação à Ucrânia.

Falemos de 1949. Por que razão a NATO foi fundada seis anos antes do Pacto de Varsóvia?

A NATO foi fundada em 1949 numa resposta direta à política soviética em relação à Alemanha. Temendo que a União Soviética tivesse um grande apetite geopolítico, os líderes da Europa Ocidental começaram a apelar aos governantes americanos para um pacto de segurança e, em junho de 1948, estes concordaram em prosseguir com as negociações de um tratado. A questão alemã, no entanto, permaneceu. Quando as potências ocidentais fundiram as suas zonas na República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), era vital protegê-la. A França falhou em estabelecer uma União Europeia de Defesa, e assim a NATO tornou-se a resposta. A Alemanha Ocidental juntou-se à NATO em 1955. A União Soviética então decidiu formar o Pacto de Varsóvia para consolidar o seu controlo sobre a Alemanha Oriental e o Bloco de Leste.

"O sistema de segurança internacional é dinâmico, e a Rússia e a China estão em manobras. Para administrar isso, a NATO tem um interesse coletivo em fortalecer o diálogo com os parceiros-chave na região do Indo-Pacífico."

Portugal ser um dos países fundadores em 1949 deveu-se ao valor estratégico das Lajes?

Portugal já se tinha alinhado durante a Segunda Guerra Mundial com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, que precisavam projetar poder da América do Norte para a Europa e proteger o espaço do Atlântico Norte. A localização de Portugal com as suas ilhas no Atlântico Norte tornou-o um parceiro ideal. O mesmo pode ser dito da Dinamarca, guardiã da Gronelândia e, até 1944, da Islândia. Para a sua política de segurança transatlântica, os Estados Unidos precisavam desses "trampolins" do Norte tanto quanto os arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Como vê a especificidade francesa na NATO? É algo do passado?

A França continuará a abrigar ambições para a "Europa" em assuntos transatlânticos. A França tornou-se mais pragmática sobre trabalhar com a NATO, mas o seu desejo por "autonomia europeia" ou "Europa estratégica" é profundo. A guerra da Rússia contra a Ucrânia ensinou ao presidente Emmanuel Macron a lição de que as relações França-Rússia podem custar-lhe o apoio na Europa Central e Oriental. Então, Macron mudou e tornou-se mais pró-NATO. Mas a sua visão para a Europa permanece.

E a Turquia hoje? Continua um membro confiável, apesar de uma política externa e de segurança que é frequentemente independente?

A Turquia é um parceiro difícil, especialmente para os Estados Unidos, a França e a Grécia. Os seus conflitos podem tornar a tomada de decisões da NATO dolorosamente lenta. Mas a Turquia ainda é um parceiro importante, cuja localização geográfica é obviamente central e importante. As tensões com a Turquia não são novas, e os aliados parecem capazes de geri-las.

Uma UE com um pilar de defesa é compatível com a NATO?

A NATO precisa da UE para construir a indústria de defesa da Europa, gerar infraestrutura e proteger essa infraestrutura de investimentos hostis. A NATO também precisa que a UE invista nas regiões fronteiriças da Europa para promover a estabilidade. A chave é que os europeus não devem cometer o erro de pensar que podem executar a política de defesa por intermédio da UE. Os europeus devem fazer mais na UE, mas continuam dependentes do poder muscular e da credibilidade política que a NATO oferece.

Portugal está preocupado com a falta de atenção ao Flanco Sul. Deve ser também uma prioridade para a NATO?

A Rússia deitou fogo à casa da Europa, e assim a atenção da NATO voltou-se para o Leste. Mas a NATO deve pensar no Sul Global, que permanece amplamente neutro na guerra, e como o Flanco Sul da Aliança pode ser vulnerável devido à instabilidade e aos fluxos migratórios. A memória muscular da NATO é mais adequada à ameaça russa, mas a Aliança deve aprender a lidar melhor com essas outras questões. Portugal e outros devem beneficiar e oferecer ideias adequadas à diplomacia da Aliança.

NATO
Sten Rynning
Edições 70
408 páginas
25,90 euros

Espanha e EUA rejeitam plano para desestabilizar Governo de Maduro

VENEZUELA Autoridades de Caracas anunciaram a detenção de dois espanhóis e três norte-americanos, ligados ao CNI e à CIA, e ainda um cidadão checo. Famílias dos espanhóis garantem que estes não pertencem aos serviços secretos e se encontravam na Venezuela de férias.

TEXTO **ANA MEIRELES**

A Espanha, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros, rejeitou ontem as alegações de Caracas de que Madrid estava envolvida numa conspiração para desestabilizar o Governo do presidente Nicolás Maduro, depois de três norte-americanos, dois espanhóis e um cidadão checo terem sido detidos na Venezuela e acusados de envolvimento numa conspiração contra o Governo. Também um porta-voz do Departamento de Estado dos EUA referiu que as acusações de que Washington está envolvida numa conspiração para desestabilizar o Governo e realizar um ataque contra Maduro são "categoricamente falsas", confirmando que um dos detidos pertence às Forças Armadas norte-americanas.

O ministro do Interior da Venezuela, Diosdado Cabello, afirmou no sábado que os estrangeiros estavam detidos sob suspeita de planear um ataque ao presidente Nicolás Maduro e o seu Governo. E adiantou que os dois espanhóis foram recentemente detidos em Puerto Ayacucho, no sudoeste, por causa de uma suposta conspiração ligada às agências de inteligência dos Estados Unidos e da Espanha, bem como à líder da oposição venezuelana Maria Corina Machado.

Quanto aos norte-americanos, Cabello identificou o militar, supostamente um *Navy SEAL*, como sendo Wilbert Castañeda, afirmando que era o líder da operação, mas também David Estrella e Aaron Barrett Logan. O checo chamar-se-á Jan Darmovzal. O ministro do Interior da Venezuela adiantou que as autoridades também apreenderam 400 espingardas norte-americanos ligadas à suposta conspiração. "A CIA está à frente desta operação", disse ainda Cabello, alegando que o CNI de Espanha também estava envolvido.

"Isso não nos surpreende nada", disse, acrescentando que a operação tinha "objetivos muito claros de assassinar o presidente Nicolás Maduro" e outros políticos venezuelanos de alto escalão, incluindo ele próprio e o vice-presidente.

O ministro Diosdado Cabello falou junto às 400 armas que diz terem sido apreendidas na operação.

HANDOUT / MINISTÉRIO DO INTERIOR E DA JUSTIÇA DA VENEZUELA / AFP

Segundo o jornal *El País*, com base em testemunhos das famílias, os dois detidos espanhóis acusados de pertencerem ao Centro Nacional de Inteligência (CNI) são Andrés Martínez Adasme, de 32 anos, e José María Basoa Valdovinos, de 35, e estavam na Venezuela a turismo, negando qualquer ligação aos serviços secretos espanhóis. As famílias adiantaram ainda que os dois homens vivem em Bilbau e são vizinhos.

"O meu filho não trabalha no CNI, claro que não. Estamos a aguardar informações do consulado e da embaixada. Ainda não sabemos do que são acusados, nem o motivo da prisão", declarou ao *El Mundo* o pai de Adasme.

De acordo com o *El País*, os dois viajaram de Madrid para Caracas a 17 de agosto e não tinham notícias do seu paradeiro desde 2 de setembro, tendo comunicado o seu desaparecimento no dia 9.

Fontes do gabinete do primeiro-ministro Pedro Sánchez negaram no sábado à noite que os dois homens tenham ligações ao CNI, enquanto a Embaixada de Espanha em Caracas enviou nesse dia nota verbal ao Governo da Venezuela "solicitando acesso aos detidos, a fim de verificar as suas identidades e nacionalidade e, se verificada, saber exatamente do que são acusados, para que possam receber todas as informações necessárias e assistência". Já este domingo, fontes da diplomacia de Madrid sublinharam que "Espanha defende uma solução democrática e pacífica para a situação na Venezuela".

> A relação entre Madrid e Caracas deteriorou-se na semana passada após o opositor Edmundo González ter chegado a Espanha para se exilar.

Estas detenções ocorrem num período de tensão entre Caracas e os EUA e a Espanha devido às Presidenciais de 28 de julho na Venezuela, que a oposição do país acusa o presidente Nicolás Maduro de roubar. Sendo que a relação com Madrid deteriorou-se na semana passada depois de o candidato da oposição venezuelana Edmundo González Urrutia, de 75 anos, ter chegado a Espanha para se exilar, após ter sido ameaçado de prisão.

ana.meireles@dn.pt

BREVES

Hollande contra ministros da esquerda

O ex-presidente francês François Hollande mostrou-se ontem contra a ideia de haver ministros da esquerda no futuro Governo de Michel Barnier, cuja composição deverá ser anunciada esta semana. "Nas condições da nomeação de Michel Barnier, o facto de pertencer a um grupo que é um dos mais pequenos da Assembleia Nacional, de querer seguir uma política mais de direita do que a maioria anterior e de ter o assentimentos do Reunião Nacional, (...) isso torna as coisas impossíveis", comentou o agora deputado socialista. Por outro lado, Hollande mostrou o seu desacordo com a decisão da liderança do Partido Socialista, que optou por não se reunir com Barnier, dizendo que "temos de falar sempre".

Kejriwal demite-se dois dias após libertação

O ministro-chefe de Nova Deli e uma das principais figuras da oposição indiana anunciou ontem que vai demitir-se do cargo, dois dias após ter sido libertado sob fiança num caso de corrupção. Arvind Kejriwal, um crítico acérrimo do primeiro-ministro, Narendra Modi, foi detido há quase seis meses, antes das eleições nacionais, acusado de receber subornos de um distribuidor de bebidas alcoólicas. O tribunal superior da Índia libertou-o sob fiança na sexta-feira. Kejriwal tem negado sistematicamente as acusações e classificou-as como uma conspiração política. As eleições em Nova Deli estão prevista para fevereiro, mas Kejriwal defende que se realizem em novembro.

MENAHEM KAHANA / AFP

O ataque dos rebeldes Houthis que atingiu o centro de Israel causou um incêndio.

Netanyahu promete vingar raro ataque Houthi

ISRAEL O opositor de direita Avigdor Lieberman acusou o Governo de estar "fraco e assustado", falando na calma vivida em Beirute e Saná.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Um míssil lançado pelos rebeldes Houthis do Iémen, alinhados com o Hamas, atingiu ontem o centro de Israel, um episódio raro que não causou vítimas, mas aumentou as tensões regionais quase um ano após o início da guerra em Gaza. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu garantiu que os Houthis pagarão um "preço elevado" pelo ataque que deu origem a um incêndio e causou alguns danos perto de Telavive. Já o Hamas elogiou o lançamento do míssil, prometendo que Israel "não desfrutará de segurança a menos que cesse a sua agressão brutal contra o nosso povo na Faixa de Gaza".

O porta-voz Houthi, Yahya Saree, referiu que o ataque foi realizado com um "míssil balístico que conseguiu atingir o seu alvo", enquanto os militares israelitas disseram que uma investigação inicial indicou que o míssil provavelmente se fragmentou no ar, relatando "várias tentativas de interceção" cujos resultados "estão sob revisão".

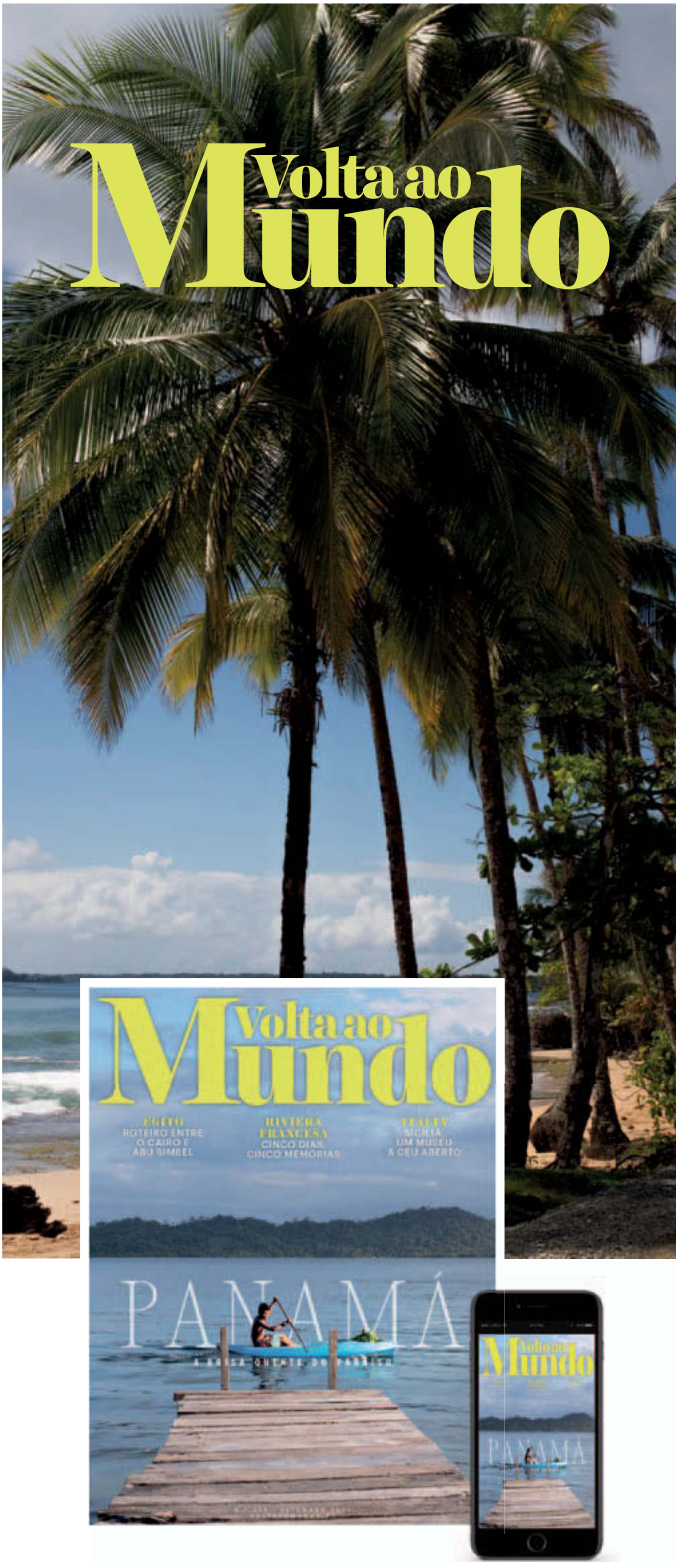
Em julho, um ataque Houthi com um *drone* conseguiu ultrapassar as defesas aéreas de Israel e matou um civil em Telavive, a pelo menos 1800 quilómetros do Iémen, provocando ataques retaliatórios que causaram mortes e danos significativos no Porto de Hodeida, controlado pelos rebeldes.

"Os Houthis devem saber que, nesta altura, retaliamos duramente contra aqueles que nos tentam prejudicar. Aqueles que precisam de ser lembrados estão convidados a visitar o Porto de Hodeida", avisou Netanyahu, no início de uma reunião governamental. Palavras duras do primeiro-ministro israelita, mas que não evitaram que fosse criticado por um dos seus principais opositores, Avigdor Lieberman, líder do partido de direita Yisrael Beiteinu. Nas redes sociais, de acordo com a Al Jazeera, Lieberman acusou o Governo israelita de estar "fraco e assustado", comparando o que disse serem mais de 150 alertas da *Cúpula de Ferro*, o sistema de defesa antiaérea, ontem em Israel com a calma em Beirute, Saná e Teerão.

> O Exército admitiu que há uma "alta probabilidade" de que três reféns do Hamas, encontrados mortos há meses, tenham morrido num ataque aéreo israelita.

O ataque surge no dia em que o Exército israelita admitiu que há uma "alta probabilidade" de que três reféns sequestrados pelo Hamas a 7 de outubro, e encontrados mortos há meses, tenham perdido a vida num ataque aéreo desencadeado por Telavive.

A possibilidade surge nas conclusões de uma investigação às mortes do cabo Nik Beizer e do sargento Ron Sherman, ambos com 19 anos, e da civil Elia Toledano, de 28. Os corpos das três vítimas foram recuperados em dezembro, num túnel no norte da Faixa de Gaza, mas a causa da morte só foi determinada recentemente. Estes três reféns juntam-se a outros três prisioneiros mortos a tiro "por engano" pelas tropas israelitas em meados de dezembro, em Shujaiya, nos arredores da cidade de Gaza.

Com **AGÊNCIAS**

Opinião
Patrícia Akester

Silenciadas e invisíveis: as mulheres afegãs sob o regime talibã

"Tornaram-me invisível, encoberta e inexistente. Uma sombra, sem vida, silenciada e cega. Privada de liberdade, confinada à minha gaiola."
Zieba Shorish-Shamley

O Acordo de Doha, celebrado entre os Estados Unidos e os talibãs, emergiu como o presságio de uma era profundamente inquietante, marcada pelo retorno implacável do movimento fundamentalista ao poder e por um retrocesso devastador em sede de Direitos Humanos – sobretudo no que concerne às mulheres.

As negociações, que culminaram na assinatura deste acordo, foram conduzidas sob o manto da ambiguidade, impregnadas de uma opacidade que também esteve presente nos diálogos intra-afegãos. Essa nebulosidade semeou uma desconfiança crescente, tanto no Governo afegão da época como entre múltiplos observadores internacionais, que recearam (e bem) que a estratégia ocultasse a intenção de instaurar um regime despótico e tirânico.

Em Agosto de 2021, quando os talibãs retomaram o poder, o porta-voz do regime, Zabihullah Mujahid, proclamou publicamente que o novo Governo respeitaria os direitos das mulheres à luz, acrescentou, da sua interpretação da Lei Islâmica. A promessa não dissipou o receio de um iminente retrocesso civilizacional – e boa razão havia para tal.

Com efeito, a versão 2.0 do domínio talibã revelou-se como um mero retorno às práticas brutais que outrora haviam definido o seu regime. Sob a austera liderança de Hibatullah Akhundzada, foram emitidos mais de 50 decretos draconianos que, em pouco tempo, desmantelaram direitos, liberdades e garantias arduamente conquistados.

A condição das mulheres, sob esta nova administração, é particularmente alarmante. Foi instituído um regime de *apartheid* de género, onde as raparigas acima dos 12 anos estão proibidas de frequentar estabelecimentos de ensino e as mulheres se encontram sujeitas a práticas atrozes, tais como execuções sumárias, flagelações e apedrejamentos públicos – actos bárbaros que produzem um retrato visceral da brutalidade que permeia a sociedade afegã.

Neste contexto, a emanação, a 22 de Agosto, de legislação em redor de "vícios e virtudes", traduz-se na mais recente manifestação da determinação férrea e doentia dos talibãs no alargamento da sua interpretação fundamentalista da Xaria (o conjunto de normas canónicas baseadas no Alcorão) a todos os aspectos da vida afegã.

O código despótico, implementado por um Ministério que tem por missão algo que o Governo afegã denomina de "Propagação da Virtude e Prevenção do Vício", obriga as mulheres ao uso de um véu que obscureça, por completo, o rosto e o corpo, instruindo-as, ainda, à manutenção do silêncio em espaços públicos. Para além de violarem, inequivocamente, Direitos Humanos elementares, estas medidas criam um ambiente propício a denúncias motivadas por vinganças pessoais – onde a suposta preocupação com a observância das inclementes normas é gerada por interesses mesquinhos.

Paralelamente, os talibãs impuseram restrições severas aos meios de comunicação social, vedando a disseminação de qualquer conteúdo que não seja considerado islâmico e conferindo à chamada "polícia da moralidade" o poder de censurar materiais que contrariem a sua interpretação da lei islâmica. A proibição de música em espaços públicos e a imposição de penteados islâmicos, consistem noutros exemplos do fervor fanático em expurgar a sociedade de qualquer expressão cultural que se afaste da visão rígida, punitiva e violenta dos talibãs.

Sob o jugo talibã, a trajectória do Afeganistão compreende, inequivocamente, uma erosão sistemática da dignidade, da autonomia, da segurança e da liberdade dos seus cidadãos, especialmente das mulheres.

Ressalta, neste cenário tenebroso, a rapidez assustadora com que os avanços registados, no campo dos Direitos Humanos, podem ser revertidos, expondo a fragilidade desses direitos.

> **"Sob o jugo talibã, a trajectória do Afeganistão compreende, inequivocamente, uma erosão sistemática da dignidade, da autonomia, da segurança e da liberdade dos seus cidadãos, especialmente das mulheres."**

Perante isto, a ausência de uma resposta vigorosa e eficaz, por parte das instituições internacionais relevantes, levanta, inevitavelmente, questões prementes sobre o papel e a eficácia dessas entidades – concebidas que foram, precisamente, para proteger e promover os Dreitos Humanos. Se violações flagrantes desses direitos forem ignoradas ou enfrentadas com gestos simbólicos, tal corroerá a credibilidade dessas instituições, assim como dos princípios normativos que as sustentam.

Quais serão, a longo prazo, as consequências de permitir que um regime desta natureza seja perpetuado sem resistência assinalável? As respostas a esta e outras questões são cruciais, não apenas para os formuladores de políticas, mas para todos aqueles que prezam a universalidade dos Direitos Humanos e a necessidade imperativa de os defender.

Os acontecimentos que se desenrolam em território afegão, que tornam tristemente patente a vulnerabilidade dos Direitos Humanos face a ideologias autoritárias, não se circunscrevem a esse território. Num panorama mundial em que se assiste a uma reconfiguração significativa da ordem internacional, a luta pelos Direitos Humanos, tanto no Afeganistão como noutras partes do mundo, transcende o destino de uma nação.

Está em jogo, a preservação de valores universais que sustentam a coexistência pacífica e justa entre as nações, valores esses que assentam, entre outras coisas, na manutenção e na defesa de normas que, reconhecem, protegem e garantem, a dignidade intrínseca de todos os seres humanos.

Nota: A autora não escreve de acordo com o novo Acordo Ortográfico
Patrícia Akester é fundadora de GPI/IPO, Gabinete de Jurisconsultoria e Associate de CIPIL, University of Cambridge

diversos

avisos, tribunais e conservatórias

PUBLICIDADE

Ponte da Barca
Município

Procedimento concursal para provimento de cargo de dirigente intermédio de 3.º grau para a Unidade de Planeamento e Administração Geral

Para os devidos efeitos e nos termos do n.º 1 do artigo 20.º e do artigo 21.º do Estatuto do Pessoal Dirigente dos Serviços e Organismos da Administração Pública, aprovado pela Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual, adaptado à Administração Local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, na sua redação atual, torna-se público que, por deliberação da Câmara Municipal de 20 de março de 2024, e da Assembleia Municipal de 30 de abril de 2024, se encontra aberto pelo prazo de 10 dias úteis, contados estes a partir da data de publicitação do presente aviso na Bolsa de Emprego Público (BEP), o procedimento concursal para o provimento do cargo de direção intermédia de 3.º Grau, para Chefe de Unidade de Planeamento e Administração Geral.
A publicitação do procedimento concursal na Bolsa de Emprego Público, em **www.bep.gov.pt**, e na página eletrónica do Município de Ponte de Barca, em **www.cmpb.pt**, com indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, da composição do júri e dos métodos de seleção aplicáveis, e outras informações de interesse para a apresentação de candidaturas, efetuar-se-á até ao 3.º dia útil após a publicação do presente aviso, na forma de extrato, na 2.ª série do *Diário da República*.
Na tramitação deste procedimento concursal são cumpridas as disposições constantes do RGPD – Regulamento Geral sobre Proteção de Dados, relativamente ao tratamento de dados.

Ponte da Barca, 12 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Dr. Augusto Manuel dos Reis Marinho

CARTÓRIO NOTARIAL SITO EM TÁBUA
a cargo do Notário Ricardo Nuno Carvalho da Fonseca Santos

JUSTIFICAÇÃO

Certifico que neste cartório, a cargo de Ricardo Nuno Carvalho da Fonseca Santos, Notário do referido Cartório, foi hoje lavrada uma escritura, a folhas 74 e seguintes do livro de notas com o número duzentos e setenta, mediante a qual **GUMERCINDO D'OLIVEIRA LOURENÇO, que intervém POR SI e na qualidade de gestor de negócios de sua mulher, ANGELINA MARQUES FERNANDES**, contribuintes fiscais n.os 128549424 e 168969645, casados em comunhão de adquiridos, ele natural da freguesia de Mamouros, concelho de Castro Daire, e ela da freguesia de Queiriga, concelho de Vila Nova de Paiva, residentes na Rua Tenente Coronel Silva Simões, n.º 294, Abraveses, Viseu, declarou:
Que ele e a sua gestida são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do veículo automóvel da marca DATSUN, modelo 160B de Luxe, com a matrícula GM-60-85, de vinte e sete de março de mil novecentos e setenta e cinco, registado em nome de Jorge Nunes Ferreira, morador na Rua da Milharada, lote B, R/C C, Massamá, Queluz, Sintra, registado na Conservatória do Registo Automóvel de Lisboa pela apresentação noventa e cinco, de vinte e dois de março de mil novecentos e setenta e seis.
Que o referido automóvel foi vendido pelo titular inscrito Jorge Nunes Ferreira por volta do ano de dois mil e dez aos ora justificantes, já no estado de casados.
Necessitam, pois, o primeiro outorgante e a sua gestida de justificar o referido veículo, a que atribuem o valor de noventa euros, sendo-lhes reconhecido o direito de propriedade, que sempre haveriam adquirido originariamente, por usucapião, necessitando para tanto de previamente notificar o titular inscrito no registo e/ou os seus herdeiros, o que foi feito através do processo de notificação notarial n.º 26/2024 deste Cartório.
E desde então o mencionado veículo automóvel encontra-se na sua posse, embora excluindo a sua circulação na via pública, cuidando do seu arranjo e correspondente manutenção.
Que desde essa data que vêm possuindo o referido veículo automóvel, com ânimo de quem exercita direito próprio, sendo reconhecidos como seus donos por toda a gente, fazendo-o de boa-fé, por ignorar lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, contínua e publicamente, à vista e com conhecimento de toda gente e sem oposição de ninguém, atuando em correspondência com o exercício da propriedade plena – e tudo isto por lapso de tempo superior a dez anos.
Que, assim, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o indicado veículo, sem qualquer ónus ou encargo, por usucapião – justificando o seu direito de propriedade para efeitos de registo.
ESTÁ CONFORME.
Tábua, 16 de agosto de 2024

A Colaboradora
Artemisa da Conceição Correia Lopes Amaro

CARTÓRIO NOTARIAL DE SETÚBAL
SANDRA BOLHÃO

EXTRATO

EXTRATO

Eu, **SANDRA MORAIS TELES BOLHÃO**, Notária com Cartório em Setúbal, na Avenida Bento Gonçalves, número 19-B, **CERTIFICO**, para efeitos de publicação, que por Escritura de Justificação lavrada neste Cartório a onze de setembro de dois mil e vinte e quatro, a folhas sessenta e oito e seguintes do Livro número Duzentos e sessenta e três - A, **LUÍSA ALEXANDRA GOMES DE PINHO GONÇALVES**, divorci da, residente na Rua Fernando Namora, número 45, Bloco A, primeiro andar A, em Lisboa, **ANGELINA DA CONCEIÇÃO GONÇALVES DE FARIA SEIXAS FREIRE** e marido, **ALFREDO SEIXAS FREIRE**, casados sob o regime da comunhão geral de bens, residentes na Rua Nossa Senhora dos Remédios, número 3, Guarda, **EVIRILDA DO CÉU BORGES GOMES DE PINHO GONÇALVES**, NIF 104 554 215, viúva, natural da freguesia de Panóias de Cima, concelho de Guarda, residente na Rua Vinte e Seis de Agosto, número 1, Caldas da Rainha, e **JOÃO EDUARDO MASCARENHAS DE FARIA,** casado com Eugénia Ermelinda Martins da Luz sob o regime da separação de bens, residente na Rua Dom Pedro V, número 66, apartamento 152, Porto, **DECLARARAM** que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores: a) na proporção de um terço para Angelina da Conceição Gonçalves de Faria Seixas Freire e marido, Alfredo Seixas Freire; b) na proporção de um terço, em comum e sem determinação de parte ou direito, para Luísa Alexandra Gomes de Pinho Gonçalves e Evirilda do Céu Borges Gomes de Pinho Gonçalves, e; c) na proporção de um terço para João Eduardo Mascarenhas de Faria, da **FRAÇÃO AUTÓNOMA** designada pela letra "D", que corresponde ao primero andar direito, que faz parte do prédio urbano, em regime de pr priedade horizontal, sito na Rua Engenheiro António Maria Avelar, números 5 e 5-A, freguesia de Ajuda, concelho de Lisboa, descrito na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o número **TRÊS MIL TREZENTOS E NOVENTA E SETE**, da referida freguesia, inscrito na matriz predial urbana sob o artigo **1457**, da freguesia de Alcântara.
– Que, no decurso do ano de dois mil, Zaida Gonçalves de Faria Fernandes doou verbalmente, em comum e partes iguais, a Angelina da Conceição Gonçalves de Faria Seixas Freire, Evirilda do Céu Borges Gomes de Pinho Gonçalves, à data casada com António Luís de Pinho Gonçalves, sob o regime da comunhão geral, e João Eduardo Mascarenhas de Faria, a totalidade do direito à nua-propriedade sobre a fração autónoma ora justificada.
– Que o referido António Luís de Pinho Gonçalves veio a falecer no dia treze de junho de dois mil e cinco, tendo-lhe sucedido como suas únicas herdeiras legitimárias sua mulher, Evirilda do Céu Borges Gomes de Pinho Gonçalves, e uma filha, Luísa Alexandra Gomes de Pinho Gonçalves.
– Que atendendo a que a duração da sua posse, há mais de vinte anos, se tem mantido continuamente e de forma ininterrupta, já adquiriram a referira fração autónoma por **USUCAPIÃO**, invocando, por isso, esta forma originária de aquisição, para todos os efeitos legais.
ESTÁ CONFORME.
Setúbal, aos 11 de setembro de dois mil e vinte e quatro

A Notária
Assinatura ilegível **Reg. sob o n.º 98**

CARTÓRIO NOTARIAL DE SINTRA
DA NOTÁRIA ANA SOFIA VALADA ROQUE
JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Ana Sofia Valada Roque, Notária do Cartório Notarial sito na Avenida Heliodoro Salgado, n.º36, Sintra:
Certifico, para efeito de publicação, que, por escritura outorgada ao dia onze de setembro de dois mil e vinte e quatro, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 35 e seguintes do livro de notas para Escrituras diversas número Duzentos e Trinta e Dois, **EUGÉNIO DA SILVA NEVES**, NIF 133 806 456, natural da freguesia de Penude, concelho de Lamego, **NOÉMIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DUARTE NEVES,** NIF 155 290 878, natural da freguesia de Caneças, concelho de Loures, residente na Rua do Outeiro, 22, Vale de Nogueira de cima, Caneças, Odivelas, portadores dos Cartões de Cidadão números, respetivamente, 03304357 4 ZX2, válido até 16/07/2028, e 04557702 1 ZX2, válido até 24/11/2029, emitidos pela República Portuguesa, declaram que são, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do seguinte:
Prédio rústico, composto de cultura arvense, com a área total de trezentos e sessenta metros quadrados, denominado/sito Cerrada das Casas Vale Nogueira, freguesia de Caneças, concelho de Odivelas, a confrontar a norte com Caminho, a sul e a nascente com Francisco Duarte e a poente com Manuel Pedro Patada, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 102, secção A, da freguesia de Caneças (extinta), que se encontra inscrito no cadastro, com o valor patrimonial de dois euros e catorze cêntimos, a que atribuem o mesmo valor para efeito desté ato, não se encontrando o prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Odivelas.
Que justificam o direito de propriedade sobre o prédio rústico acima descrito, invocando como causa da sua aquisição a usucapião, dado estarem na sua posse, contínua, pública e pacífica, há mais de vinte anos, em resultado da compra verbal feita a Francisco Duarte, solteiro, maior, com última residência conhecida em Vale de Nogueira, por volta do ano de mil novecentos e noventa e quatro, data que não conseguem precisar.
ESTÁ CONFORME
Sintra, 11 de setembro de 2024

A Notária
Assinatura ilegível

CARTÓRIO NOTARIAL DE SINTRA
DA NOTÁRIA ANA SOFIA VALADA ROQUE
JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Ana Sofia Valada Roque, Notária do Cartório Notarial, sito na Avenida Heliodoro Salgado, n.º 36, Sintra:
Certifico, para efeito de publicação, que por escritura outorgada ao dia onze de setembro de dois mil e vinte e quatro, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 33 e seguintes do livro de notas para Escrituras diversas número Duzentos e Trinta e Dois, **EUGÉNIO DA SILVA NEVES**, NIF 133 806 456, natural da freguesia de Penude, concelho de Lamego, **NOÉMIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DUARTE NEVES**, NIF 155 290 878, natural da freguesia de Caneças, concelho de Loures, residente na Rua do Outeiro, 22, Vale de Nogueira de Cima, Caneças, Odivelas, portadores dos Cartões de Cidadão números, respetivamente, 03304357 4 ZX2, válido até 16/07/2028, e 04557702 1 ZX2, válido até 24/11/2029, emitidos pela República Portuguesa, declaram que são, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do seguinte:
Prédio rústico, composto de cultura arvense e nogueiras, com a área total de oitenta metros quadrados, denominado/sito Cerrada das Casas Vale Nogueira, freguesia de Caneças, concelho de Odivelas, a confrontar a norte com caminho, a sul e a nascente com Francisco Duarte e a poente com Manuel Pedro Patada, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 18, secção, A da freguesia de Caneças (extinta), que se encontra inscrito no cadastro, com o valor patrimonial de nove euros e cinco cêntimos, a que atribuem o mesmo valor para efeito deste ato, não se encontrando o prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Odivelas.
Que justificam o direito de propriedade sobre o prédio rústico acima descrito, invocando como causa da sua aquisição a usucapião, dado estarem na sua posse, contínua, pública e pacífica, há mais de vinte anos, em resultado da compra verbal feita a Manuel Pedro Patada, solteiro, maior, com última residência conhecida em Vale de Nogueira, por volta do ano de mil novecentos e noventa e quatro, data que não conseguem precisar.
ESTÁ CONFORME
Sintra, 11 de setembro de 2024

A Notária
Assinatura ilegível

NOVA NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

Referência NOVASBE.CT.92 – 1 Coordenador Técnico para exercer funções na área Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho sem termo.

Referência NOVASBE.CT.93 – 1 Assistente Técnico para exercer funções no Serviço de Relações Corporativa da NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho sem termo.

Referência NOVASBE.CT.94 – 1 Assistente Técnico para exercer funções na área Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo certo.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

Samu, reforço de verão do FC Porto, saltou do banco para marcar o golo da vitória.

IVAN DEL VAL

ESTÁDIO DRAGÃO (PORTO)
ÁRBITRO NUNO ALMEIDA (ALGARVE)

FC PORTO	FARENSE
2	**1**
DIOGO COSTA	RICARDO VELHO
JOÃO MÁRIO (74')	PASTOR
NEHUÉN PÉREZ	MARCO MORENO
OTÁVIO	ARTUR JORGE
FRANCISCO MOURA (74')	RAÚL SILVA (83')
NICO GONZÁLEZ	POLONI (84')
ALAN VARELA	MARGHEM (79')
PEPÊ	CLÁUDIO FALCÃO
IVÁN JAIME (64')	MENINO (79')
GALENO	TOMANÉ
DANNY NAMASO (64')	RAFAEL BARBOSA (68')
TREINADOR	**TREINADOR**
VÍTOR BRUNO	JOSÉ MOTA
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
SAMU OMORODION (64')	BERMEJO (68')
ANDRÉ FRANCO (64')	ALEJANDRO MILLAN (79')
MARTIM FERNANDES (74')	NETO (79')
GONÇALO BORGES (74')	POVEDA (83')
	PAULO VICTOR (84')

GOLOS: GALENO (48' GP), TOMANÉ (51') E SAMU OMORODION (75').
CARTÕES AMARELOS: ARTUR JORGE (45'+1), RAÚL SILVA (82'), GALENO (89'), NICO GONZÁLEZ (90'+5) E NETO (90'+5).

Velho de punhos cerrados adiou o golpe que Samu não perdoou

I LIGA Vitória difícil, mas justa do FC Porto no Dragão, numa tarde com uma tremenda exibição do guarda-redes algarvio. Nehuén Pérez e Francisco Moura estrearam-se pelos azuis e brancos.

TEXTO **RUI BAIONETA**

O FC Porto alcançou ontem uma difícil e justa vitória diante do Farense, por 2-1, num jogo marcado por uma grande exibição do guarda-redes do Farense, Ricardo Velho – fez, no mínimo, sete defesas com uma classe tremenda, adiando a festa do FC Porto, que viu ainda quatro bolas serem devolvidas pelos ferros. A partida ficou também marcada pelas estreia dos reforços Nehuén Pérez e Francisco Moura no onze portista, e pelo primeiro golo de Samu de dragão ao peito.

Vítor Bruno fez algumas alterações em relação ao onze que iniciou o jogo com os leões – João Mário, Nehuén Pérez e Francisco Moura entraram para os lugares de Martim Fernandes, Zé Pedro e Vasco Sousa –, mas se duas alterações foram, digamos, homem por homem, a chegada de Francisco Moura permitiu voltar a colocar Galeno em terrenos mais adiantados, ele que viveu uma semana difícil – chegou a ter as malas feitas com destino ao futebol árabe a troco de muitos milhões, mas acabou por ficar e os adeptos portistas fizeram-lhe uma homenagem ao minuto 13, número da camisola, com aplausos que o jogador agradeceu...

O jogo prometia ser trabalhoso para os portistas, que atuaram num 4X2X3X1, sobretudo para os homens da frente, tendo em conta que o Farense, com humildade, como que a reconhecer a qualidade do opositor, atuou com muitas cautelas defensivas, com uma linha de cinco à frente de Ricardo Velho (5X3X2).

José Mota, técnico dos algarvios, jogava com as armas que tinha e contou com a ajuda preciosa de Ricardo Velho. Foi à luz do dia, num horário do antigamente, que o guarda-redes do Farense assinou uma exibição absolutamente notável, que evitou uma catástrofe para a sua equipa.

> Foram pelos menos sete as grandes intervenções do guarda-redes do Farense, que adiou como pôde o golo do triunfo portistas, que só chegou aos 75'.

O primeiro remate perigoso até foi devolvido pelo poste, por João Mário (3'). O Farense reagiu (bom remate de bicicleta de Tomané ao minuto 5), e depois começou a primeira parte do *show* de Ricardo Velho – ao minuto 12 evitou o golo de Nico González, que desviou um remate de Galeno e, na recarga, Otávio cabeceou ao poste. Aos 15' voltou a impedir o golo a Galeno e assinou novas grandes defesas a remates de Pepê (18'), Nico González (35') e Iván Jaime (40'). Com Velho a um nível de excelência, os dragões lá foram gerindo os ritmos do jogo, alternando fases de maior velocidade com outras mais calmas.

O primeiro golo lá acabou por aparecer logo no início da segunda parte (48'), através de um penálti marcado por Galeno.

E quando se pensava que as coisas iam ser mais fáceis para os portistas, a reação rápida do Farense permitiu aos algarvios chegar ao empate aos 51' – Otávio distraiu-se e Tomané não facilitou. O Farense cresceu nesta fase e Moreno, primeiro (55'), e Rafael Barbosa, depois (56'), testaram a atenção de Diogo Costa.

Os dragões voltaram então à carga e se, ao minuto 66, Nico González viu a bola ser devolvida pelo poste, no minuto seguinte começou a segunda parte do *show* de Ricardo Velho, com o guarda-redes a negar o golo a Pepê. Aos 71' Galeno atirou à barra, e no minuto seguinte o guardião do Farense voltou a fazer outra grande defesa a remate do número 13 portista.

Um filme já visto na primeira parte, mas com uma grande diferença: desta vez, os dragões marcaram mesmo, por Samu, ao minuto 75, acabando por conseguir chegar à vitória com justiça. O dragão pôde, então, festejar. E acabou por merecer a vitória que Ricardo Velho foi adiando...

dnot@dn.pt

F1. Piastri vence GP do Azerbaijão

O piloto australiano Oscar Piastri (McLaren) venceu ontem o Grande Prémio do Azerbaijão, a 17.ª de 24 corridas do Mundial de Fórmula 1, o que permitiu à McLaren destronar a Red Bull da liderança do Mundial de construtores. Piastri, que largou da 2.ª posição, bateu o monegasco Charles Leclerc (Ferrari), que saíra da *pole*, por 10,910 segundos, com o britânico George Russell (Mercedes) a alcançar o 3.º lugar, a duas voltas do final, depois de um acidente entre Carlos Sainz (Ferrari) e Sergio Perez (Red Bull), cortando a meta a 31,328 segundos do vencedor. Max Verstappen (Red Bull), que foi 5.º classificado, mantém a liderança do campeonato, agora com 59 pontos de vantagem sobre Lando Norris (McLaren).

ANDREJ ISAKOVIC / AFP

Champions vai começar. Sporting e Benfica esperam encher os cofres

LIGA DOS CAMPEÕES Leões recebem o Lille em Alvalade já amanhã; águias jogam fora com o Estrela Vermelha na quinta-feira. Ambos começam prova com 18,62M€. Mas há muitos prémios nesta fase.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

A *Champions* está de regresso esta semana, agora num novo formato, e com Sporting e Benfica como representantes portugueses. Os dois clubes de Lisboa vão estrear-se, respetivamente, terça-feira em Alvalade com o Lille, e na quinta em Belgrado com o Estrela Vermelha, num ano em que a prova apresenta várias modificações na sua fase inicial e (para já) menos dinheiro para os clubes.

Estas são duas das principais alterações nesta nova Liga dos Campeões, que não terá a habitual fase de grupos, substituída por uma liga única, onde cada uma das 36 equipas fará um total de oito jogos (quatro em casa, quatro fora). Os clubes que ficarem nos primeiros oito lugares apuram-se automaticamente para os oitavos-de-final, enquanto os posicionados entre o 9.º e 24.º postos disputarão um *play-off*, a duas mãos, para definir as restantes oito formações que seguem em frente.

A vertente financeira também sofreu alterações. Os dois clubes de Lisboa partem precisamente com a mesma verba – 18,62 milhões de euros. Isto porque a UEFA decidiu acabar com o valor relativo ao coeficiente. Só para se ter uma ideia, na temporada passada, mesmo antes de entrarem em ação, o Benfica recebeu 39,517 milhões de euros, o FC Porto 41,791M€ e o Sp. Braga 28,147M€.

Uma redução significativa, contudo, que pode ser recuperada mediante um bom desempenho na prova. Isto porque a UEFA vai distribuir vários prémios já nesta fase. Por exemplo, a equipa que terminar em 1.º lugar da classificação desta liga única com 36 clubes encaixa 9,9 milhões de euros e no oitavo 7,975M€. Além disso, todos os oito clubes somam ainda mais dois milhões de euros.

Do 9.º ao 24.º colocados, as equipas seguem para um *play-off* de acesso aos oitavos, e aqui o valor varia ente os 7,7 M€ e os 3,575M€, mas as equipas colocadas até ao 16.º posto ganham, cada, mais 1M€. Quanto aos clubes eliminados, os que ficarem entre o 25.º e o 36.º lugares, a verba oscila entre os 3,3M€ e os 275 mil euros.

Mas há mais prémios nesta fase, pois cada vitória vale 2,1ME e o empate é premiado com 700 mil euros. O remanescente dos empates será, no final, redistribuído pelos clubes de forma proporcional pelo seu número de vitórias. Resta acrescentar que as 16 equipas que se apurarem para os oitavos-de-final engordam a conta bancária como mais 11 milhões de euros.

Num cenário perfeito, se uma equipa vencer todos os jogos (oito) da sua liga e terminar esta fase na primeira posição, leva um bolo total de 58 milhões de euros. A partir daqui, a presença nos quartos vale 12,5M€, as meias-finais 15M€, a final 18,5M€ e ao vencedor tocam ainda 6,5 milhões por levantar a taça e mais 4,5 pelo acesso à disputa da Supertaça Europeia.

O Sporting, que vai participar pela 11.ª vez numa fase final da *Champions*, entra em campo já amanhã frente aos franceses do Lille, atual 8.º classificado da liga francesa, onde jogam os portugueses André Gomes, Rafael Fernandes e Tiago Santos, e teoricamente o adversário mais acessível em casa (os outros são Manchester City, Arsenal e Bolonha).

Já o Benfica defronta na quinta-feira o Estrela Vermelha, líder da liga sérvia, claramente o jogo menos complicado fora da Luz (depois medem forças com Bayern Munique, Juventus e Mónaco). **Com LUSA**

nuno.fernandes@dn.pt

LIGA DOS CAMPEÕES
1.ª JORNADA

AMANHÃ
Juventus-PSV
Young Boys-Aston Villa
AC Milan-Liverpool
B. Munique-D. Zagreb
Real Madrid-Estugarda
SPORTING-Lille

QUARTA-FEIRA
Bolonha-Sh. Donetsk
Sp. Praga-RB Salzburgo
Celtic-S. Bratislava
Club Brugge-B. Dortmund
Manchester City-Inter Milão
PSG-Girona

QUINTA-FEIRA
Estrela Vermelha-**BENFICA**
Feyenoord-B. Leverkusen
Atalanta-Arsenal
Atl. Madrid-RB Leipzig
Brest-Sturm Graz
Mónaco-Barcelona

Lauren Bacall Uma atriz para sempre secreta

MEMÓRIA Lauren Bacall nasceu a 16 de setembro de 1924, faz hoje 100 anos. Os filmes que rodou com o marido, Humphrey Bogart, definem-na como um ícone da idade de ouro de Hollywood; de qualquer modo, na sua longa filmografia encontramos muitos exemplos de uma versatilidade que sobreviveu a todas as modas.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Há muitos espectadores mais jovens que passaram a confundir Hollywood – o lugar e a mitologia – com os heróis da Marvel e as técnicas de efeitos especiais. As efemérides da cinefilia ajudam-nos a corrigir ou, pelo menos, contrariar o simplismo de tal visão. Lauren Bacall, por exemplo, símbolo cristalino da época de maior glória dos grandes estúdios da Califórnia – nasceu em Nova Iorque no dia 16 de setembro de 1924, faz hoje 100 anos.

Quando convocamos este tipo de memórias, somos levados a perguntar como é que o trajeto de uma personalidade com o talento, a popularidade e a dimensão lendária de Bacall ficou inscrito na história da consagração máxima de Hollywood, isto é, os Óscares. É caso para dizer que não ficou – ou quase…

Apesar de o seu nome ser indissociável da impressionante galeria de títulos clássicos que Hollywood gerou nos Anos 40/50 do século passado – com obrigatório destaque para aqueles em que contracenou com o marido, Humphrey Bogart (1899-1957) –, Bacall nunca ganhou um Óscar competitivo. A única nomeação que obteve, na categoria de Melhor Atriz Secundária, foi um acontecimento tardio na sua carreira, distinguindo a sua composição em *As Duas Faces do Espelho*, comédia romântica de 1996 interpretada e dirigida por Barbra Streisand.

A Academia de Hollywood emendaria o seu "esquecimento" em 2009, atribuindo-lhe um Óscar honorário "em reconhecimento do seu lugar central na idade de ouro do cinema." No discurso de agradecimento, além de Bogart, Bacall recordou alguns dos atores mais queridos com quem trabalhou, com destaque para Gregory Peck, a par de grandes realizadores que a dirigiram, incluindo Howard Hawks e John Huston – foi a filha deste, Anjelica Huston, que lhe entregou a estatueta dourada.

Bacall viveu com Bogart até à morte do ator, tendo-se casado de novo, em 1961, com Jason Robards (divorciaram-se em 1969); teve três filhos, dois do primeiro casamento, um do segundo; viria a falecer na sua cidade natal, a 12 de Agosto de 2014, portanto a poucas semanas de completar 90 anos.

Bogart & Bacall

No seu livro *By Myself* (distinguido em 1980 com o prémio de biografia dos National Book Awards), Bacall começa por recordar dois nomes emblemáticos do firmamento de Hollywood que, de alguma maneira, marcaram a sua adolescência: Bette Davis e Leslie Howard. Ele, o Ashley Wilkes de *E Tudo o Vento Levou* (1939), foi uma das suas paixões juvenis – de facto, nunca o conheceu. Quanto a Bette Davis, na altura uma das maiores estrelas de Hollywood, a par, por exemplo, de Errol Flynn, Bacall via-a como a perfeição encarnada em personagens como a figura intensamente romântica de *Jezebel, a Insubmissa* (William Wyler, 1938) ou a obstinada protagonista de *Vitória Negra* (Edmund Goulding, 1939), fumadora inveterada que tenta sobreviver a um tumor maligno no cérebro.

Ironicamente, Bacall liga esta evocação ao facto de, por essa altura, a mãe a ter descoberto a fumar – afinal de contas, como ela recorda, viu os filmes de Bette Davis num lugar do balcão, a fumar um maço de cigarros ("Tinha pago o maço todo, por isso tinha de o acabar"). A mãe e um tio (os pais divorciaram-se quando ela tinha apenas 5 anos) proibiram de imediato o seu nefasto hábito, já que "as meninas bonitas de 15 anos não fumam". Filosoficamente, Bacall conclui que o episódio familiar representou o seu "primeiro confronto com a síndrome de Sam Spade".

Em 1941, a personagem do detetive privado Sam Spade, criado pelo escritor Dashiell Hammett, seria um momento decisivo na

> Bacall definia-se como símbolo de uma sensualidade contida que contrastava, por exemplo, com a pose de Marilyn Monroe, também ela com um início de carreira pontuado pelo olhar de John Huston.

Contracenando com Bogart em *Paixões em Fúria* (1948).

No cartaz de *À Beira do Abismo* (1946) os dois nomes já tinham o mesmo peso.

Como se Conquista Um Milionário (1953), com Marilyn Monroe e Betty Grable .

O Atirador (1976), derradeiro filme de John Wayne.

afirmação de Humphrey Bogart como uma das grandes figuras mitológicas de todo o imaginário de Hollywood: aconteceu em *The Maltese Falcon* (entre nós, *Relíquia Macabra*), filme de John Huston que se imporia como matriz central do chamado cinema *noir*. Por essa altura, Bacall estudava na Academia Americana de Artes Dramáticas, ao mesmo tempo trabalhando como modelo em grandes armazéns (profissão característica das lojas de roupa da época) e, apesar de todos os seus sonhos, não imaginava que faltava pouco para se estrear no cinema contracenando com… Bogart!

Como modelo, começara a ser um rosto conhecido de publicações como a *Vogue* e a *Harper's Bazaar* (onde surgiu numa capa de março de 1943, integrada numa campanha de recolha de sangue da Cruz Vermelha dos EUA). Até que, como nas fábulas alimentadas pela "fábrica dos sonhos", alguém reparou nas suas imagens.

Foi Nancy Keith que sugeriu ao seu marido, Howard Hawks, que fizesse um teste com Bacall. Objetivo: encontrar a atriz certa para o principal papel feminino de *Ter ou Não Ter*, projeto protagonizado por Bogart que Hawks estava a preparar a partir do romance de Ernest Hemingway cujo título original é, de facto, *Ter e Não Ter* (reeditado pelos Livros do Brasil, em 2022).

Na capa da *Harper's Bazaar*, em março de 1943.

O jogo da representação

Ter ou Não Ter surgiu em 9.º lugar no *top* das bilheteiras americanas de 1944, transformando Bacall numa verdadeira *star*, ao mesmo tempo definindo Bogart/Bacall como o par do momento, cruzando o sucesso artístico com a vida privada (casaram-se em 1945). De tal modo que, em 1946, quando voltaram a filmar juntos em *The Big Sleep* / *À Beira do Abismo*, a partir do romance de Raymond Chandler, de novo sob a direção de Hawks, os cartazes colocavam os dois no mesmo plano. O encontro repetiu-se em *Dark Passage* / *O Prisioneiro do Passado* (1947), de Delmer Daves, e *Key Largo* / *Paixões em Fúria* (1948), de John Huston.

Bacall definia-se, assim, como símbolo de uma sensualidade contida que contrastava, por exemplo, com a pose de Marilyn Monroe, também ela com um início de carreira pontuado pelo olhar de Huston, em *The Asphalt Jungle* / *Quando a Cidade Dorme* (1950). Era uma imagem que ela encarava com metódico distanciamento; em 2005, na CNN, entrevistada por Larry King, diria mesmo: "Não me vejo assim, não penso dessa maneira, nunca me inseri em nenhuma categoria do género – era apenas um jogo, o jogo da representação."

A sua filmografia foi evoluindo através de muitos contrastes, desde logo porque as suas escolhas nunca a encerraram na dramaturgia típica dos filmes *noir*. Pouco depois, surgiu na comédia *Como se Conquista Um Milionário* (1953), de Jean Negulesco, ao lado de Marilyn e Betty Grable. Ou ainda em *Escrito no Vento* (1956), de Douglas Sirk, e *A Mulher Modelo* (1957), de Vincente Minnelli – o primeiro é uma proeza do romantismo ambíguo, dir-se-ia surreal, de Sirk, um dos alemães que, a par de Fritz Lang, marcaram o classicismo de Hollywood; no segundo, contracenando com o amigo Gregory Peck, assume a personagem de uma *designer* de moda (*Designing Woman* é o título original), explorando os labirintos do melodrama, género de que, para lá do musical, Minnelli foi um dos mestres absolutos.

A partir daí, como aconteceu com muitos intérpretes da sua geração, Bacall deixou de pertencer à linha da frente de Hollywood, combinando filmes por vezes francamente inesperados com participações regulares em produções televisivas. Assim, participou em títulos como o policial *Harper, Detetive Privado* (Jack Smight, 1966), ao lado de Paul Newman, *Um Crime no Expresso do Oriente* (1974), sofisticada adaptação de Agatha Christie dirigida por Sidney Lumet, ou *O Atirador* (1976), de Don Siegel, derradeiro filme de John Wayne.

Entre os seus últimos grandes filmes encontramos duas produções de raiz europeia, ambas dominadas por Nicole Kidman: *Dogville* (2003), do dinamarquês Lars von Triers, e *Birth – O Mistério* (2004), do inglês Jonathan Glazer. De novo nos EUA, rodaria *O Acompanhante* (2007), subtil e perturbante conto moral de Paul Schrader, centrado na figura de um homem, interpretado por Woody Harrelson, especialista em "acompanhar" senhoras da alta sociedade de Washington.

Com a passagem do tempo, a afirmação de Bacall como uma atriz impossível de encerrar em qualquer "categoria" tornou-se tanto mais evidente quanto o mistério da sua presença persistiu, transcendendo as épocas e as modas. Como se, para lá das convulsões, ora ligeiras, ora dramáticas, vividas pelas suas personagens, ela permanecesse refugiada num cenário secreto, para sempre inacessível. Afinal de contas, o próprio nome, Lauren Bacall, é uma invenção cinéfila — nasceu como Betty Joan Perske.

LIVROS DA SEMANA

O apelo final de Paul Auster

Um ano antes de morrer, o escritor publicou *Banho de Sangue Americano*.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

O último livro do escritor norte-americano Paul Auster (1947-2024) intitulava-se *Baumgartner*, um romance em que a morte rondava sem rodeios devido à doença fatal que o surpreendera e que em pouco tempo o iria matar. Meses antes, o autor publicara um ensaio biográfico, social e histórico, intitulado *Banho de Sangue Americano*, que retratava um drama: a presença e o peso das armas na sociedade dos Estados Unidos da América. Em 150 páginas de texto e com dezenas de fotografias de partes de cidades nuas, de autoria do seu genro, Spencer Ostrander, em que Auster fazia um balanço da notícia mais repetida no país diariamente, a da constante morte de cidadãos devido à enorme proliferação de armas.

As armas não tiveram papel de relevo nos seus romances, optando por outras situações distantes de um puxar de gatilho e da morte do outro – ou da própria personagem –, mesmo que existissem nas suas narrativas momentos de grande intensidade conflituosa. No entanto, esse confronto com as armas não deixou de existir desde cedo na sua vida, como relata logo no início deste volume, ao referir que tivera pistolas de brincar, que vira muitos filmes de *cowboys* na televisão, como *Hopalong Cassidy* e *The Lone Ranger*, mas "tudo era pura treta nesses antigos filmes e séries".

Apesar de as ter experimentado, as de brincar, fez questão de deixar como a primeira frase do livro uma declaração fundamental: "Nunca tive uma arma." Praticou tiro ao alvo e ao prato nos campos de férias, mas o desporto ganhou a melhor e a sua atenção mudou de lado.

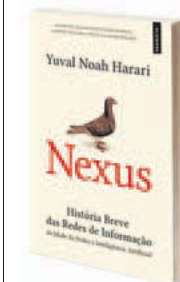
Ter-se-á livrado dessa ameaça porque "ninguém na nossa família possuía uma arma de fogo, nem os meus amigos e suas famílias. As armas eram meros adereços em produções cinematográficas e o sangue que espirrava dos feridos era tinta encarnada". O futuro trouxe-lhe uma revelação inesperada, pois Paul Auster veio a descobrir cinco décadas depois que o pesadelo também existira na sua família: "A minha avó alvejou o meu avô." Tal como as muitas histórias pessoais de um país que vem sendo invadido por armas aos milhões, alterando a vida dos Estados Unidos e o comportamento de uma grande maioria de americanos.

BANHO DE SANGUE AMERICANO
Paul Auster e Spencer Ostrander
Edições ASA
158 páginas

Paul Auster contestou desde muito cedo o uso massivo de armas pelos americanos.

Conta Paul Auster que Spencer Ostrander criticava o mundo armado em que os Estados Unidos se transformaram, mesmo que desde o início da história do país a arma fosse um dos principais símbolos empunhados pelos que o colonizavam. Por essa razão, o fotógrafo visitara vários locais onde tinham acontecido grandes massacres nas últimas duas décadas e fotografara o abandono visível dessas construções desde a tragédia. Nas fotografias não aparecem pessoas, no máximo o sinal de existência humana é dado por automóveis. A primeira da última série de imagens não contém esses acrescentos de vida, exibe apenas um pequeno edifício onde as ervas crescem à sua volta. Trata-se do clube noturno, o Pulse, na Florida, onde morreram 50 pessoas e foram feridas 58, abandonado desde então. A penúltima mostra, através de um gradeamento, o Hotel Mandalay Bay, no Nevada, onde morreram 61 pessoas e foram feridas 897.

Numa das poucas entrevistas que Auster deu à data da publicação de *Banho de Sangue Americano*, destaca-se a que concedeu ao jornal *The Guardian*. Daí que se recupere algumas das suas palavras para se entender melhor o propósito pessoal deste ensaio além do que já refere no livro: "Spencer fez várias viagens durante dois anos e meio por esses locais e quando me mostrou as imagens, sugeri que poderia escrever um texto para as acompanhar. Foi assim que tudo começou e que se desenvolveu um diálogo entre o homem das fotografias e o homem das palavras. O que eu pretendia era dar início a uma discussão que não existe no país sobre esta situação horrível que temos vindo a construir. Via o projeto como de âmbito nacional e também que explicasse aos estrangeiros esse drama, pois muitos dos meus amigos europeus não são capazes de perceber a violência armada nos Estados Unidos. Queria contar a história de tudo isto e comecei pelo princípio: os povoadores e os confrontos com as populações indígenas, em que o receio de serem massacrados fez com que fossem os primeiros a disparar. É aí que tudo começa, com o medo de serem massacrados pelos nativos. Atualmente, e este livro faz parte de um sonho meu, quero que este pesadelo acabe. É um desejo bastante utópico, mas não perco a esperança. Se não se acreditar nessa possibilidade, como se pode aceitar o facto de se estar vivo?"

LANÇAMENTOS

NEXUS
Yuval Noah Harari
Elsinore
555 páginas

O LIVRO DO ANO

O historiador Yuval Noah Harari está de regresso após *Sapiens* e *Homo Deus* com uma investigação demasiado atual, *Nexus – História Breve das Redes de Informação*. A intenção é percorrer os últimos 100 mil anos da Humanidade, desde a Idade da Pedra à Inteligência Artificial, ou seja, desde os primeiros pensamentos de um cérebro que levou os seres mais inteligentes do planeta até ao presente e, ao mesmo tempo, o de questionar o atual estado do Homem devido à evolução, bem como o que o futuro próximo lhe reserva. A dependência dos computadores é um dos principais focos a partir do meio do livro, colocando de forma clara os desafios que se apresentam nas últimas décadas, bem como uma busca pela previsão do resultado de um processo de dependência do algoritmo que está em curso a grande velocidade e sem uma noção dos efeitos na população da Terra. A interpretação do "algoritmo bebé" com que a Inteligência Artificial ainda trabalha, de que se desconhece o poder de que será capaz em poucas décadas logo que "seja livre de explorar o mundo". O reconhecimento de preconceitos que estão a ser acrescentados às sociedades atuais, a recolha e manuseamento de uma informação que o ser humano é incapaz de acumular em toda a sua vida e de o manipular sem regras, são vários exemplos que o autor questiona e que, de uma forma brilhante, faz uma súmula preocupante. De leitura obrigatória.

CESARINY E O MONSTRO PESSOA
Rui Sousa
Tinta da China
467 páginas

PESSOA SEGUNDO CESARINY

A interpretação da vastíssima obra do poeta Fernando Pessoa e os efeitos diretos num dos seus leitores é o objetivo desta investigação, neste caso especificamente dirigida a Mário Cesariny. O autor percorre essa receção e revela a "ressaca do contacto" por parte do segundo e a "ambiguidade do diálogo" que influenciou Cesariny durante toda a sua vida, mesmo que em diversos níveis de abordagem. Um estudo fundamental para o criador e a criatura que o devorou literariamente. De leitura obrigatória.

Chef António Loureiro
"Sinto algo especial quando cozinho e recebo as pessoas na minha cidade"

GUIMARÃES Apaixonado pelos produtos e cultura gastronómica do Minho, o *chef* d'A Cozinha recebeu a reportagem do DN e fala sobre o sucesso da casa, premiada seis anos seguidos com uma estrela Michelin.

TEXTO **NUNO TIBIRIÇÁ**

O *chef* António Loureiro com algumas das suas criações, tudo confecionado com produtos da região de Guimarães.

FOTOS D.R.

Uma noite de verão em Guimarães é sinónimo de boémia. Nesta altura do ano, a cidade nortenha recebe centenas de turistas e emigrantes que regressam ao país para as férias. Resultado: uma vida noturna agitada, com bares cheios, especialmente nos dias de jogo do Vitória na Liga Conferência, competição em que o clube atingiu a fase de grupos no último mês de agosto – feito inédito para o emblema vimaranense.

As esplanadas de estabelecimentos históricos de Guimarães, como o Cantinho do Tio Júlio, ficam concorridas, assim como as reservas para a sala de um dos mais importantes restaurantes da cidade-berço: A Cozinha, do *chef* António Loureiro, o único detentor de uma estrela Michelin na região do Minho – e que neste 2024 renovou o feito pelo sexto ano.

"Acho que a estrela Michelin serve para duas coisas: uma é alimentar o ego da equipa e do chefe de cozinha; a outra é para aumentar a procura. Realmente há uma diferença muito grande do antes e do depois no que diz respeito à procura. Obviamente estamos a falar do melhor guia a nível mundial, que tem a maior projeção a nível mundial e que traz gente não só do país, mas de todo o mundo", afirma o *chef*, que recebeu a reportagem do DN no seu restaurante.

António Loureiro abriu A Cozinha em 2016, após anos de estudo e trabalho na restauração. O *chef* conta que, no começo de seu percurso procurou aprender sobre a cozinha tradicional portuguesa, não só do norte, mas também de outras regiões do país onde trabalhou, como o Alentejo e o Algarve, antes de ter contacto com outras culturas através de experiências fora de Portugal.

"Fui para fora para tentar entender qual seria a identidade da minha cozinha, pensando que lá fora iria encontrar tudo. Na verdade, a conclusão a que cheguei era que minha identidade era aqui, na minha região, o meu país, os nossos produtos e a nossa herança cultural e gastronómica", diz o *chef* que, no menu do restaurante, conta com o fornecimento de produtores locais da região do Minho e extrai o máximo possível de todas as componentes nas suas criações. Uma política rende ao restaurante também o Green Key, galardão desenvolvido pela Foundation for Environmental Education (FEE), que reconhece empreendimentos sustentáveis.

Falemos na carta: a degustação no restaurante de Loureiro começa com as entradas frias, com um *snack* que contém elementos de uma salada (tomate coração de boi, cebola e pimentos) acompanhados de uma sopa fria de pepinos. Seguem-se pratos que utilizam o melhor da costa e do interior do Minho: do mar da região de Viana do Castelo e Esposende chega o sarrajão, peixe similar ao atum, acompanhado de algas crocantes e que configura um fresco *snack* de verão. É também da costa que vem a cavala, principal estrela de um dos pratos mais surpreendentes do restaurante.

"É um dos favoritos dos nossos clientes, às vezes as pessoas vêm cá noutras alturas do ano e perguntam pela cavala, mas mas só servimos de junho a setembro", diz Loureiro.

A cavala é acompanhada de *sorbet* de tomate, *ganache* de galinha, bolacha de avelã e gelatina de Alvarinho. Afinal, A Cozinha está próxima de algumas das melhores regiões produtoras de vinho verde do país. É o único prato mantido na carta desde a abertura do restaurante, mas, como disse o *chef*, só é feito na época do verão.

Já do campo, a região minhota está bem representada, tanto nas entradas quanto num dos pratos principais, já que a mesma carne chega à mesa em dois momentos. Nas entradas, parece tratar-se de uma parte nobre de um presunto de porco preto, mas não: o que é servido é um tártaro da carne de vaca, por cima de um bolo lêvedo feito diariamente na casa e acompanhado de um puré de limão.

> A cavala, acompanhada de *sorbet* de tomate, *ganache* de galinha, bolacha de avelã e gelatina de Alvarinho é um dos destaques da casa.

Nos pratos principais, a carne vem já preparada, acompanhada de um pequeno ecossistema com couve flor, brócolos, cogumelos e *jus* feito com os ossos da carne.

"Nós só usamos raças autóctones. Costumo usar maronesa, minhota e arouquesas, são algumas das minhas favoritas por aqui, embora existam outras tantas, como a barrosã, que também são ótimas", diz.

Com tanto amor pela região onde cresceu e se consolidou como um dos principais nomes do meio gastronómico em Portugal, António Loureiro afirma que, mesmo com propostas para trabalhar noutros centros do país, o seu lugar é Guimarães.

"Já tive algumas oportunidades e propostas para ir para outro local, muita gente pergunta-me por que é que não vou para Lisboa ou Porto abrir um restaurante, mas é algo que nunca me tentou. Até porque eu não ia encontrar aquilo que encontro aqui com a mesma facilidade que hoje eu tenho. E não sei se iria ter o mesmo gozo: sinto algo especial quando cozinho e recebo as pessoas na minha cidade", conclui o *chef*.

nuno.tibirica@dn.pt

Diario de Noticias

UM GIGANTESCO PROJECTO

UMA LOUVAVEL INICIATIVA

AS HOMENAGENS AOS AVIADORES

O INCENDIO

ASSASSINIO

VIDA POLITICA

AMERICA AGITADA

O PREÇO DAS AGUAS

FEIRA DA LUZ

NA INDIA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 16 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

AS HOMENAGENS AOS AVIADORES

Celebra-se hoje na igreja da Sé um solene "Te-Deum"

Conforme já noticiámos, celebra-se hoje, ás 3 horas da tarde, na Sé Patriarcal, um solene «Te-Deum», em acção de graças pelo exito do grandioso feito dos nossos aviadores, assistindo o sr. Cardial Patriarca.

O acto será revestido da maior imponencia, tendo o Cabido, na impossibilidade de o fazer individualmente, resolvido convidar por este meio a assistir á festividade religiosa as autoridades civis e militares, o clero, as Ordens Terceiras e Irmandades, as associações scientificas, literarias e comerciais, a imprensa, as agremiações catolicas de Lisboa, o antigo Termo e todos os demais fieis.

O eminente orador sagrado, rev. Agostinho da Mota, pronunciará um patriotico sermão.

Cartas e telegramas de saudação aos herois da aviação

S. Ex.ª Rev.ma o Bispo de Beja enviou ao major sr. Cifka Duarte uma carta, na qual, lamentando que o seu estado de saude lhe não tenha permitido aceitá-lo, agradece o convite para assistir ao jantar de homenagem aos aviadores, para os quais tem as mais entusiasticas palavras de felicitação, relembrando com emoção o momento da partida. Termina prestando a sua homenagem á heroica aviação portuguesa e abraçando Brito Pais, Beires e Gouveia.

O ilustre prelado enviou tambem para o Aero Clube um telegrama concebido nos seguintes termos:

«Com viva emoção assisto em espirito á gloriosa consagração nacional do arrojado vôo, com o qual se cumpriu integralmente a profecia de Vila Nova de Milfontes, feita na hora da partida. Dando graças a Deus, saúdo a heroica aviação e abraço a queridissima «équipe» do «Patria», gloria de Portugal.»

No Aero Clube receberam-se tambem telegramas de felicitação do conselho tecnico dos Escoteiros de Portugal (zona do Porto) e da Sociedade de Defesa e Propaganda de Chaves.

As homenagens do governador e da colonia portuguesa de Boston

Amanhã, ás 5 horas da tarde, será entregue a S. Ex.ª o sr. Presidente da Republica o estandarte oferecido pelo governador de Boston.

A solenidade deve revestir grande luzimento.

No dia 1 do corrente realizou-se em Riverside, perto daquela cidade, em homenagem aos bravos aviadores, um grande «pic-nic», em que se reuniram muitas familias e socios das associações de beneficencia e dos clubes de Boston, tendo-se realizado varios encontros de «foot-ball» e bailes de crianças e de adultos, abrilhantados por uma orquestra e varias bandas de musica.

A festa de hoje no Avenida Parque

Realiza-se esta noite, no Avenida Parque, o anunciado e grandioso festival dedicado aos bravos aviadores do «raid» Lisboa-Macau, o qual está incluido no programa dos festejos comemorativos.

O Parque estará profusamente iluminado a veneziana e á moda do Minho, tendo sido as decorações dirigidas pelo distinto scenografo Eduardo Reis, filho.

No teatro Maria Vitoria haverá récita de gala, abrilhantada com a presença dos aviadores, representando-se em duas sessões a magnifica revista «Rés-Vés» e recitando versos alusivos ao feito brilhante dos bravos oficiais a gentilissima actriz Laura Costa.

No Parque, além do aplaudido «Jazz-Band», tocará a grande banda da Escola Central de Reformas, dirigida pelo maestro Raul Portela.

Os aviadores serão esperados á entrada do recinto pela comissão das festas, que os acompanhará numa marcha «aux flambeaux», sendo a guarda de honra feita pelas briosas corporações dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses e da Ajuda.

Os festejos começam ás 9 horas da noite em ponto, sendo á meia noite queimado no Parque um deslumbrante fogo de artificio.

No Eden Teatro

Quinta feira, no Eden-Teatro, realiza-se tambem um magnifico espectaculo de homenagem aos bravos aviadores, subindo á scena, em récita unica, a aplaudida revista «Fruto proibido», que o publico tem distinguido com os seus mais calorosos aplausos.

(Continua na 2.ª pagina)

Telef. — 365, 534, 2446 e 5310

O INCENDIO

NA VILA NOVA DA ESTEFANIA

Os prejuizos são superiores a 500 contos, estando cobertos pelos seguros pouco mais de 300

Acêrca do violento incendio que na madrugada de ontem destruiu parte da Vila Nova da Estefania e de que démos, em segunda edição, uma circunstanciada noticia, temos hoje a acrescentar os seguintes pormenores:

A Vila Nova da Estefania, que tem apenas duas entradas pela rua de D. Estefania e ás quais dão acesso duas ingremes rampas com os pavimentos mal conservados, consta de 37 propriedades, quasi todas de 4 andares, onde habitam cerca de 220 familias, num total de 1.200 pessoas.

A Vila está dividida por cinco ruas e tem apenas uma boca de incendio, uma boca de rega, e esta mesmo avariada, como se verificou na ocasião do incendio. Em 26 daquelas propriedades existem portinholas com torneiras de abastecimento de agua aos moradores.

Pedidos os socorros ás 3,42 horas da madrugada, imediatamente seguiram para o local do sinistro o pessoal e material dos quarteis n.º 2, da Avenida Defensores de Chaves, e n.º 3, da rua do Saco.

A's 3,50, foi reclamado mais material, em vista da intensidade do fogo, que só ás 6,50 poude considerar-se dominado.

Das duas da tarde, hora a que o incendio foi dado por extinto, até ás 5,25, estiveram ainda no local, de prevenção, um chefe e dez bombeiros com uma agulheta.

Antes tinham comparecido as seguintes viaturas: um auto pronto socorro, duas auto-bombas, três auto-tanques, cinco bombas a vapor, três carros escadas «Magyrus», dois carros de escadas italianas, uma bomba «Janck», quatro bombas «Flaud», um carro de agua e duas auto-bombas dos voluntarios, e uma charrete.

Os predios atingidos pelas chamas, cujas trazeiras deitam para a fabrica da firma «A Industrial de Moveis e Madeiras, Ltd.ª onde o incendio começou, sofreram bastantes avarias nos madeiramentos, varandas, casas de jantar e cozinhas, bem como nos respectivos mobiliarios. Esses predios pertencem aos srs. Antonio Justiniano Macara, José Francisco Cascais, Rosalina Cesar Ferreira, D. Aida Cardoso e D. Virginia Lopes.

Os prejuizos totais, que se calculam em mais de 500 contos, estão cobertos em cêrca de 300 pelas Companhias «Bonança», «Fidelidade», «A Lisbonense», «Iris», «Probidade», «A Mundial», «Sagres» e «Tagus».

Uma prisão por suspeita de fogo posto

O agente José Augusto, da primeira secção, que compareceu no local do sinistro, para averiguar as causas do incendio e fazer a respectiva participação, prendeu como suspeito de ter lançado fogo á serração, o socio-gerente da firma Elias, Pinheiro & C.ª, Limitada, Elias da Silva Paulino, residente na rua Morais Soares, 73, 3.º, o qual recolheu incomunicavel a uma esquadra.

Mais tarde foi conduzido para o governo civil, onde foi largamente interrogado pelo mesmo agente, sendo as suas declarações reduzidas a auto.

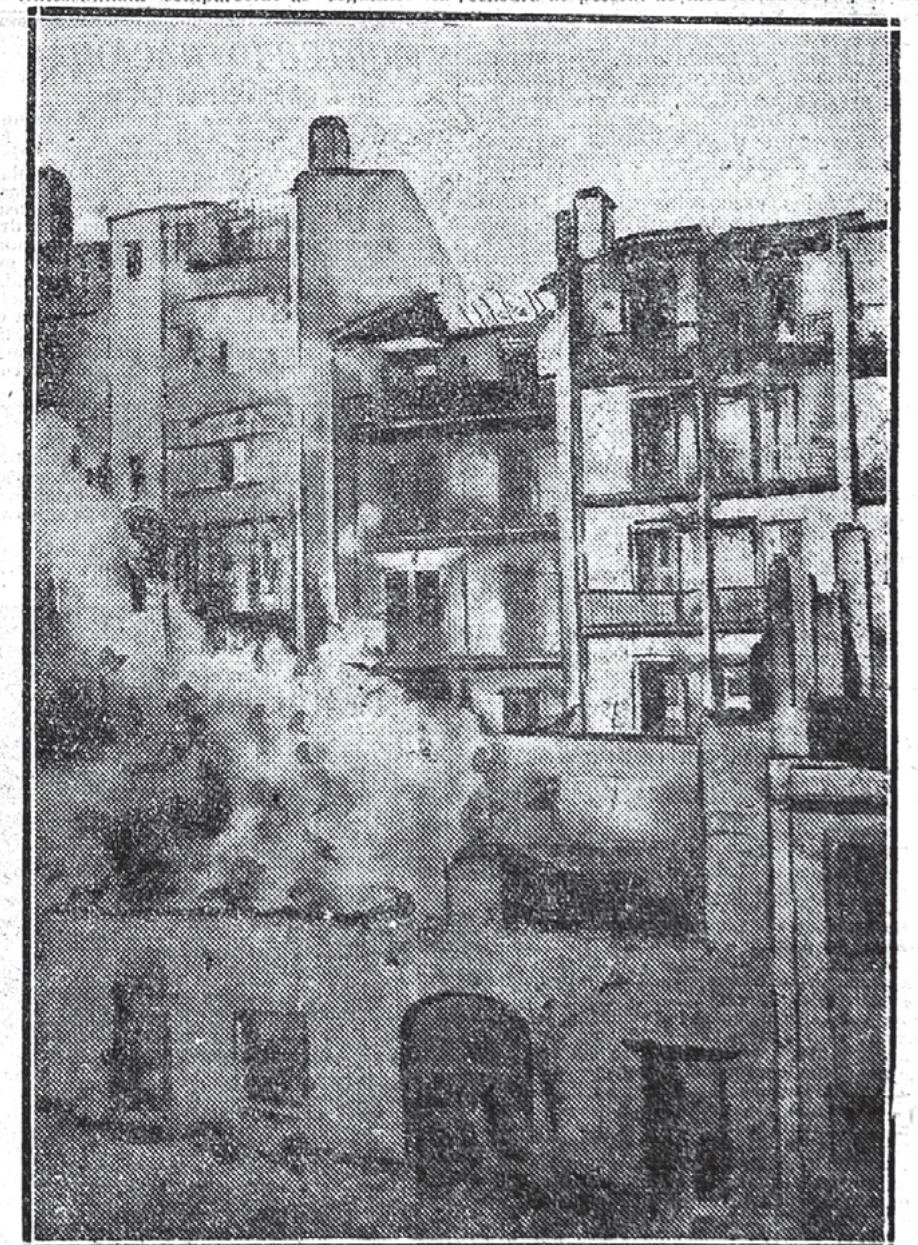
Negou a acusação de fogo posto e declarando ignorar as suas causas, e interrogado sobre o motivo porque esteve de noite na serração declarou que fôra ali escrever umas cartas.

Estas declarações não satisfazem a policia, tanto mais que se sabe que a oficina lutava com dificuldades monetarias, motivo porque as investigações vão continuar até o apuramento da verdade.

Teria faltado a agua para debelar o sinistro?

Do sr. Antonio Rodrigues Alves, comandante interino dos Bombeiros Municipais de Lisboa, recebemos ontem, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«Sr. Redactor.—No relato do fogo desta madrugada na Vila Nova da Estefania, o «reporter» do seu jornal colheu as seguintes informações: «Os bombeiros queixavam-se de que a agua lhes faltou durante cêrca de meia hora, atribuindo a essa circunstancia o rapido incremento do incendio e as grandes proporções que tomou. Por seu turno os funcionarios da Companhia das Aguas teimaram na opinião contraria, atribuindo a falta de socorros á demora havida na aplicação do material».

Sobre se houve ou não falta de agua, reservo as minhas informações a quem de direito as devo prestar e esses serão os juizes da conveniencia de as tornarem ou não do conhecimento publico. Quanto á informação prestada pelos funcionarios da Campanhia, e é só esta que me obriga a rogar-lhe a fineza da publicação destas linhas, direi que é absolutamente falsa. Dóe-me que esses funcionarios fizessem tais declarações, porquanto elas podem envolver uma censura ao pessoal do meu comando, que trabalhou tão acertadamente e com tanta dedicação, que eu não tenho palavras com que possa elogiar o seu esforço».

O incendio da Estefania durante o rescaldo

EXÉRCITO PORTUGUÊS

Calor. País em alerta máximo com Exército em patrulha

INCÊNDIOS Dia de ontem teve mais de uma dúzia de ocorrências e situação prevê-se complicada pelo menos até amanhã.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

O risco de incêndio em todo o continente é extremamente elevado, hoje e amanhã, dadas as condições atmosféricas, o que levou a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC) a elevar o Estado de Alerta e prontidão dos meios de socorro para o nível mais elevado nestes dias. Segundo reconheceu ao DN fonte da ANEPC as próximas 48 horas podem mesmo ser "mais difíceis".

Para ajudar na prevenção, também o Exército está em campo, tendo anunciado ontem o reforço do patrulhamento de prevenção a fogos florestais, colocando diariamente no terreno 80 militares.

Em comunicado enviado ao DN, o Exército Português explicou que conta agora com 36 patrulhas no terreno.

"Com o agravar das condições meteorológicas e na sequência da declaração de Situação de Alerta em todo o país, o Exército Português reforçou o dispositivo de patrulhamento de prevenção a incêndios já existente em 12 patrulhas de vigilância e deteção nos distritos de Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria, Santarém e Viseu", pode ler-se.

Durante o dia de ontem, foram mais de uma dúzia as ocorrências registadas, mobilizando várias centenas de operacionais. As regiões mais afetadas foram o Centro e o Norte, mas todo Portugal Continental está sujeito ao risco. A referida fonte da ANEPC disse ao DN, ao final do dia, que "a situação está complexa, mas a ser controlada com algum êxito". No entanto, e sinal da complexidade da situação, à hora do fecho desta edição as ocorrências estavam a aumentar. Lavravam seis incêndios significativos, que mobilizavam mais de 500 operacionais.

O fogo que inspirava ao fim da noite mais cuidados era em Oliveira de Azeméis, mobilizando 172 operacionais e 51 veículos, tinha então três frentes ativas. Este incêndio obrigou mesmo à evacuação do Hotel Vale do Rio, preventivamente devido ao fumo.

Também na Póvoa, Sever do Vouga na Região de Aveiro, se encontrava ativo um fogo com uma frente que mobilizava 192 operacionais e 62 veículos.

E em Vila Nova de Cerveira, no Alto Minho, um incêndio com 3 frentes dava muito trabalho aos 93 operacionais, apoiados por 32 veículos para ali deslocados.

Com LUSA

Guarda-costas de Trump disparou sobre homem armado

Tiros com armas de fogo foram disparados ontem no campo de golfe, na Florida, onde jogava o candidato republicano à Casa Branca, Donald Trump, mas este foi de imediato colocado em segurança. O incidente está ser investigado pelo FBI como uma "possível tentativa de assassinato" do ex-presidente, de acordo com o jornal *The Washington Post*.

Aos *media* norte-americanos foi igualmente divulgado que um agente do Serviço Secreto disparou contra um suspeito após ter detetado o cano de uma arma. "O pessoal do Serviço Secreto dos EUA abriu fogo contra um homem armado localizado perto da propriedade e este assunto está sob investigação", disse um porta-voz desta agência que protege os presidentes dos EUA e os candidatos presidenciais..

O ocorrido foi inicialmente reportado pela própria campanha presidencial republicana e pelos *media* americanos. "O presidente Trump está em segurança após disparos na sua proximidade. Não há mais detalhes neste momento", afirmou o porta-voz da campanha do ex-presidente, Steven Cheung, num comunicado no qual não foram adiantados mais pormenores.

Trump estava a jogar golfe no seu campo em West Palm Beach, na Florida, não muito longe da sua residência de Mar-a-Lago, num dia em que suspendeu a sua campanha presidencial.

Trump estava acompanhado, na altura, pela sua equipa de proteção do Serviço Secreto quando os tiros foram disparados. Uma "pessoa de interesse" foi detida e uma arma apreendida, mas suspeita-se que possa haver um segundo envolvido.

Sobe & desce

POR **VALENTINA MARCELINO**

MARCELO REBELO DE SOUSA

O Presidente da República assinalou os 45 anos do SNS, destacando o "salto" que se deu em Portugal após a sua criação, ao se passar de "indicadores de subdesenvolvimento para condições próximas da Europa". Para Marcelo, porém, "é crucial olhar para o futuro" e "procurar soluções inovadoras".

FERNANDO ALEXANDRE

Apesar das dificuldades, reconhecidas pelo próprio, no arranque do ano letivo, o ministro da Educação tem dado sinais de querer deixar a sua marca de visão para o futuro. Depois de recomendar a proibição de uso de telemóveis nas escolas, anunciou a abertura de cursos de Medicina a alunos estrangeiros, merecendo aplausos das faculdades e estudantes.

NICOLÁS MADURO

O Governo da Venezuela apelidou de "porta-voz do mal" o chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell. Para Yván Gil, ministro das Relações Exteriores de Maduro, Borrel está "no caixote do lixo da história". Isto porque Borrell tinha descrito o Executivo venezuelano (cuja eleição a UE não reconheceu) como "ditatorial" e "autoritário".

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro, Mafalda Campos Forte **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002 56760